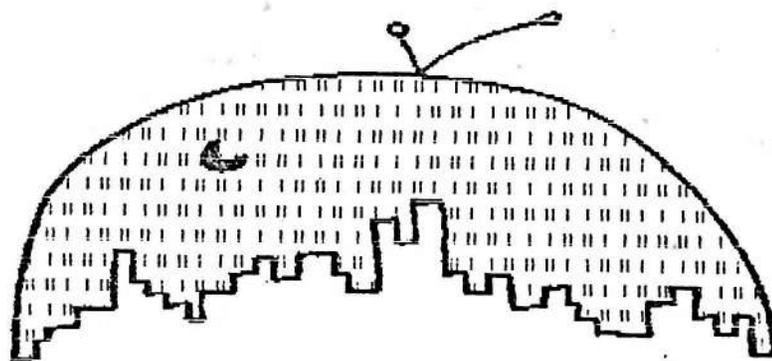


UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Departamento de Geografia

cidade, como Te Ver ?



Glória da Anunciação Alve.  
Orientadora: Ana Fani Alessandri Carlo

São Paulo, 1992

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA , LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DO GEOGRAFIA

CIDADE... COMO TE VER?

Dissertação de Mestrado

Glória da Anunciação Alves

Orientação: Dra. Ana Fani Alessandri Carlos

Aos amigos,  
Dulce e Manuel,  
com carinho .

## Agradecimentos

Para Ana Fani, minha orientadora, pelo caminhar junto, carinho e atenção dispensados nesta trajetória.

Aos colegas Aldemir, Ana Lucy, Derise, Eustógio, Isabel, Maria Cristina, Maria do Céu, Ricardo e Simone, pela ajuda nas discussões e sugestões durante todo o trabalho.

Ao Carlos, que entende tanto dessas "máquinas maravilhosas" e Elaine pela ajuda e incentivo.

Aos amigos da AGB e do laboratório de Geografia Urbana pela força e carinho.

Ao Antonio Carlos pelas sugestões.

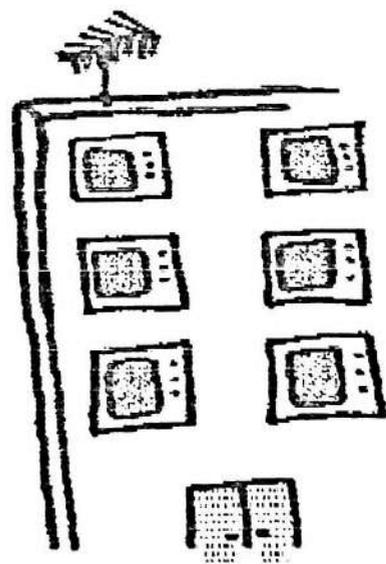
Ao Betb, pelo companheirismo nesta jornada.

Ao CNPq pelo apoio financeiro.

## Sumário

I. Flashes da cidade: a vida urbana na e através da tv	6
II. O cotidiano difundido na tv	33
2.1. SP Já- a cidade veiculada	46
2.2. As telenovelas: um conto de fadas moderno?	78
2.3. As imagens da cidade nas telenovelas	87
2.3.1. O bairro dos pobres	92
2.3.2. Os lugares dos ricos	109
2.3.3. O Brasil que os brasileiros não conhecem	121
III. São Paulo é Nova York?	131
IV. Bibliografia	139

**I - Flashes da cidade: a vida urbana na TV.**



CIDADE... COMO TE VER?I... FLASHES DA CIDADE: A VIDA URBANA NA E ATRAVÉS  
DA IV

## Flash 1

São Paulo, domingo, nove e trinta da manhã, nove de agosto. Embora fosse de se esperar que a metrópole paulistana estivesse em ritmo desacelerado devido ao final de semana, ela estava mais tranqüila do que de costume. Ninguém nas ruas. Os sacolões e CEABESP, que nos domingos pela manhã encontram-se apinhados de gente que aí procuram legumes, frutas e verduras frescos e mais baratos, permaneciam vazios. Entretanto as pessoas em casa não estão dormindo. Passeando pelos bairros residenciais, vindo das casas, ouve-se o mesmo som. Décimo terceiro ponto brasileiro, terceiro set. A tv transmite de Barcelona a final de voley masculina. Dez horas. Comemoração. Algumas pessoas animadas festejam nas ruas a primeira medalha de ouro brasileira em esportes coletivos. Outros, menos eufóricos, partem para a rotina de domingo, alterada pelo

Jogo; sacolões e feiras livres começam a juntar gente. Nos parques só agora as pessoas, vestidas de amarelo, resolvem passear e praticar esportes.

Durante cerca de hora e meia, em São Paulo, vibrava-se momento a momento, e simultaneamente com a torcida uniformizada que se encontrava no estádio olímpico de Barcelona(Espanha), pelo time brasileiro. A tv, com a transmissão de imagens, ligava não apenas dois lugares- Barcelona e São Paulo- mas pessoas em lugares diferentes. A festa da torcida na quadra espanhola enchia de lágrimas os mais fanáticos pelo esporte no Brasil. Mais do que simples imagens a tv trasmitiu a emoção.

Em Brasília, na casa da Dinda, residência oficial de Fernando Collor de Mello- então presidente do Brasil- onde seguiam-se os preparativos para o almoço comemorativo de seu aniversário, o presidente não tinha muito o que comemorar. Os escândalos ligando-o a Paulo Cesar Farias e os depoimentos, transmitidos ao vivo pela tv, da CPI do Congresso Nacional, arralhavam-lhe a imagem. Mas ao menos com a vitória do esporte brasileiro, por alguns poucos dias, a imprensa lhe daria um pouco de sossego, ao destacar no domingo, segunda e terça a chegada da delegação olímpica e ao reprisar os melhores momentos dos atletas brasileiros nas quadras de voley.

## Flash 2

Terça feira, onze de agosto. Em discurso à taxistas o presidente do Brasil pede (ordena?) ao povo que saia as ruas no domingo vestindo as cores da bandeira. Seu discurso, aos berros, é montado e repassado em todos os telejornais no horário nobre da tv brasileira. Domingo, praças e ruas das metrópoles brasileiras são tomadas pelo povo, mas este veste preto de desagravo, de protesto. Nunca um apelo foi tão bem entendido e tão bem contestado. A indignação estava estampada nas cores usadas e no protesto cívico. Os centros foram tomados e apropriados. No final do dia algumas emissoras de rádio e tv anunciavam o resultado da "guerra das cores". Venceu o preto.

## Flash 3

Praça da Paz Celestial, China, 1989. O massacre dos estudantes. As imagens transmitidas eram fortes. Fogo, gente correndo, tiros, sangue, tanques de guerra na rua. Assim terminava a noite na praça da Paz Celestial. No dia seguinte os tanques, comandados por soldados, avançavam enfileirados sobre as ruas da cidade. Era a imposição de uma ordem. De repente um chinês, sexo masculino, em mangas de

camisa, interpõe-se frente a um tanque tentando impedir-lhe a passagem e por segundos um misterioso e dramático balet impôs-se ao mundo via satélite. O homem barrou o tanque e nele havia um soldado.

Essa imagem transmitida a todas as partes do mundo, embora passados alguns anos, não apaga-se da memória. Para os psicanalistas esse foi um ato de suicídio. Para muitos uma loucura, para outros um ato de luta pela liberdade. Seja qual for a interpretação ela fixou-se, primeiramente nas telas da tv, e posteriormente nas reproduções fotográficas, e o povo chinês nunca esteve tão próximo ao resto do mundo como naquele instante.

#### Flash 4

Um dia como outro qualquer nos lares paulistanos. São sete horas da noite. Começa o horário nobre da tv brasileira e a população começa a ligar os televisores, mesmo que não preste muita atenção a tudo que se passa. É a novela, o telejornal, o jantar ( para os que assim podem designar o que comem e quando comem) em frente a tv. São as propagandas. Tome o Danone. Use Onix jeans. Dirija um Santana. Lave seu filho ao Playcenter. Deposite no Itaú. Veja o que o Governo Estadual está fazendo. Mais novela. As notícias de Brasília. Cortes, flashes, plimlim.

## Flash 5

Exposição do trabalho de estudo do meio- a Chapada dos Guimarães- numa escola pública. Motivação. Todo trabalho elaborado pelos alunos. Com orgulho vem a apresentação. Choque. Quatrocentos slides, quinze minutos de projeção, seis projetores, três imagens simultâneas. Os olhos não conseguem captar tantas imagens, tanta velocidade. Video-clip. Os alunos e a platéia extasiados. A professora de Geografia decepcionada. Campo Grande em preto e branco, mas a flôr da chapada é colorida. As águas cristalinas, a cidade poluída. Trânsito parado. A cidade é cinza, falta cor. Embora discutida enquanto produção social, a cidade aparece sem vida, sem cor, só fumaça.

Barcelona, São Paulo, Brasília, Pequim, Campo Grande. Em comum, cidades, de alguma maneira captadas e registradas pelas lentes da câmara de video, que muitas vezes simultaneamente nos chega em casas pelo aparelho de tv, ou as vezes pela máquina fotográfica que imprime na chapa o registro que mais tarde se configurará em foto. Imagens de cidades, de sua população, de sua vida. Eis o que é registrado, flashes das cidades.

Através desses flashes, a tv, tida hoje como um dos meios de comunicação mais difundidos pelo mundo cumpria

assim duas funções paradoxais: a informativa e a dissimuladora. Aproxima os lugares, a partir das imagens que produz, globalizando-os, mas poderia-se perguntar: as imagens produzidas correspondem a realidade? Conseguiriam essas imagens dar aos espectadores uma noção totalizadora dos fatos? Ou seriam produções de pessoas que já possuem uma determinada visão de mundo, que por intermédio da tv seriam reproduzidas? A seleção e a produção das imagens que vão ao ar, de modo fragmentado e seccionado não estariam reproduzindo um modo de vida urbano moderno, onde o trabalho e a produção fragmentam-se e diversificam-se? Conseguiriam as imagens produzidas pela tv contribuir para a formação do senso comum do que vem a ser a vida em uma cidade, o que é uma cidade, como se apropriar dela?

Se no passado o entendimento do mundo era feito pelos geógrafos a partir das impressões, dados e relatos de viagens, desses homens que procuravam fazer um estudo pormenorizado do meio geográfico e dos fatos humanos(1), hoje graças ao avanço técnico-científico as imagens nos chegam em casa, em um aparelho de vinte polegadas. A questão é: contribuem para nos colocar questões, exigindo um maior aprofundamento do fato analisado, ou temos nos contentado em apenas ver o que nos é passado sem questionarmos o que estamos vendo? Que cidade vem sendo representada na tv?

1) Ver: Jean Brunhes- La Géographie Humaine; Pierre George- A Geografia Ativa; Vidal de La Blache- Principes de Géographie Humaine; M. de Lannou- La Géographie Humaine; F. Ratzel - Antropogeografia.

Quais suas características? Qual a sua importância no entendimento da vida urbana?

Acreditamos que essas imagens passadas pela tv possam corresponder a paisagens, que outrora eram vistas e percebidas em locus pelos mais diversos cientistas sociais, com o auxílio da tecnologia hoje elas podem ser registradas nos aparelhos de tv e serão essas "paisagens" que nos oferecerão um primeiro olhar do mundo. Mas será que todos possuem esse olhar do geógrafo, do viajante, do estrangeiro? Estes tendem a ultrapassar o simples ver, o deslizar sobre as coisas e registrar imagens. Eles procuram olhar. O olhar *" remete , de imediato, à atividades e às virtudes do sujeito, e atesta a cada passo nesta ação a espessura da sua interioridade. Ele perscruta e investiga, indaga a partir e para além do visto, e parece originar-se sempre da necessidade de "ver de novo" (ou ver o novo)... como se irrompesse sempre da profundidade aquosa e misteriosa do olho para interrogar e iluminar as dobras da paisagem que freqüentemente, parece representar um mero ponto de apoio de sua própria reflexão"*(2).

A paisagem , na geografia, em sua objetividade é concreta, pode ser vista, tem forma e é resultado das relações entre os homens e a natureza. Através do olhar, da observação e sua respectiva descrição, emergem questões, expõem-se dúvidas. Pelo olhar, a memória do individuo recupera as ações vividas nesse lugar, o sentimento impinge

2) Sérgio Cardoso- O Olhar viajante in O Olhar, pg. 348. O grifo é nosso.

novas características ao lugar. A observação e descrição abstraem os elementos dessa paisagem decodificando-a, descoisificando-a, entendendo-a para além do fenômeno. Ainda no nível do abstrato reelabora-se o que foi observado agora de forma a explicitar o real, teoricamente, com clareza. Ao cabo dessa reelaboração ou construção mental da paisagem através da reflexão é que chega-se ao espaço geográfico.

Mas será que podemos considerar as imagens de cidades transmitidas pela tv como "paisagens"? Existiriam elas de fato? Responderíamos a essa questão colocando o problema de outro modo. Se o espaço urbano, nosso objeto de estudo, é aqui entendido como produto social, que ao mesmo tempo é resultado e agente das relações sociais a nível amplificado (de reprodução social, de produção de mercadorias, etc) e assim seria produzido e sendo produtor de uma sociedade(3) ele também poderia ser estudado através das imagens produzidas na tv. Embora nem sempre correspondam a realidade, muitas vezes, sendo mesmo ficção, são produtos da sociedade e a sociedade urbana reproduz-se também através das imagens, e dentre os mais variados tipos de imagens produzidas (via tv, fotos, cinema, video, satélites, etc) restringiremo-nos àquelas que a nosso ver atinge um maior número de pessoas: as imagens transmitidas pelos meios de comunicação de massa, que no Brasil tem como expoente maior a televisão.

3) H. Lefebvre- La production de l' espace, pg. 40 e seg.

Além do mais "a tv é um vício"(4), e como tal repete-se no dia-a-dia das pessoas de maneira rotineira, pré-determinada, como que fazendo parte do cotidiano das pessoas. E é exatamente isso que caracteriza o cotidiano do homem moderno: a repetição, a tendência a homogeneização(5).

Esse fenômeno na vida cotidiana contribue na direção da normatização, do viver à cidade, e a tv em muito tem contribuído com isso ao auxiliar na formação e manutenção de comportamentos, de um modo de vida, impingindo tantas imagens, cores, sons e em uma velocidade tão alucinante, quanto a própria vida moderna nas grandes cidades, que fica difícil olhar. Na maior parte das vezes, diante dessa emissão de imagens, as pessoas veem mas parecem incapazes de "olhar". Tudo é visto. Tudo é imagem, mas esta parece dissociada da realidade, dos fatos (no caso de ficção), ou mesmo o seu inverso: a realidade e os fatos ficam desprovidos de qualquer significação, reduzindo-se a imagens, que são apenas "vistas". Em meio a uma profusão de imagens emitidas pela tv fica difícil olhar. Ocorre um "achatamento da paisagem", pela própria velocidade do movimento urbano, que dificulta a distinção das coisas, onde até as imagens eliminam-se por seu excesso(6).

Talvez, esse "ver" , rápido e superficial, seja uma das características de nossa sociedade, a qual Lefebvre

4) Decio Pignatari. O Paleolhar da televisão in O Olhar, pg. 487.

5) H. Lefebvre. La vida cotidiana en el mundo moderno.

6) Nelson B. Peixoto- O Olhar estrangeiro in O Olhar pg.364.

chama de "sociedade burocrática de consumo dirigido"(7) , ou da própria modernidade, muitas vezes entendida pelo senso comum por modernização tecnológica, que também faz parte da modernidade, mas que não se confunde com ela.

Para uma abordagem inicial diria que a modernidade será aqui entendida como um processo contraditório da relação entre "a obra e a vida, entre o excepcional e o cotidiano (o do avanço de sua dissociação, e, em consequência, o da eventual fusão entre o que foi arte separada do cotidiano e cotidianidade desprovida de sentido e de beleza)" (8) .

Esse sentido de modernidade lançado por Lefebvre está presente, como veremos mais adiante, na própria noção de cidade, pois esta deixa de ser entendida como produção e passa a ser entendida apenas como consumo, perdendo seus símbolos. Essa mudança de sentido se incorpora na vida urbana pela mediação, no caso das metrópoles brasileiras, da tv enquanto um dos meios de comunicação mais difundidos da atualidade, presente no cotidiano das pessoas.

Entender como as pessoas criam o seu espaço no dia-a-dia, em uma rotina que ao mesmo tempo parece manter a ordem estabelecida, destrói-se na própria repetição, cria o novo, o moderno, e exige que se desvendem as contradições que são encobertas nas relações diárias, que manifestam-se espacialmente de vários modos: na arquitetura, na cidade, nas imagens produzidas na e pela cidade.

7) H. Lefebvre. La vida...op.cit.

8) H. Lefebvre. Introdução a Modernidade,pg. 213.

O desvendar essas relações exige a atenção, o aprofundamento, a detenção do olhar para que não passem despercebidas, levantando questões e porquês. Mas como atingir esse intento se a banalização no mundo de hoje leva a uma tendência ao nível das informações de tornar os fatos rotineiros, normais, cotidianos? Não que em outras épocas da história as pessoas deixassem de ter uma rotina de afazeres, o seu dia-a-dia, mas não cotidiano. Para as pessoas, por mais árduo que fossem as tarefas, restava ainda o uso de sua criatividade, posto que o trabalho era artesanal, o que diferenciava os produtos produzidos e a formas de consumo desses objetos. O tempo era regulado pelos homens em sua relação com a natureza e não pelo relógio do cartão de ponto.

Não queremos com isso fazer uma apologia nostálgica do passado. Trata-se de dizer que não existia cotidiano no sentido que Lefebvre refere-se, pois é diferente dizer que não existia alienação, exploração e submissão. Estas existiam, mas estavam muito mais marcadas pela irracionalidade, pelo culto a deuses e a natureza, o que conferia a cada povo uma explicação e entendimento do mundo de maneira diferenciada.

O cotidiano a que Lefebvre se refere é marcado pelo racionalismo, que derruba o mito da natureza e da magia, e cria um novo mito: o da cientificidade. Mito, pois a racionalidade e a tecnicidade passam a se identificar como

naturais(9). Mas a racionalidade e a tecnicidade tem um lugar próprio para se estabelecerem: o meio urbano, levando em conta também o fato de que é ele que se produz. Elas entram na sociedade e contribuem na produção da cidade. Fora dela não produzem mais que objetos isolados.

Racionalidade e tecnicidade difundem-se no mundo moderno como pressupostos/produtos da modernização e mundialização da sociedade urbana. No caso brasileiro para divulgação desse projeto é de fundamental importância o veículo tv, e dentro dele os telejornais e as novelas, que fazem parte do cotidiano brasileiro. *"Freso às determinações econômicas e sócio-culturais de um projeto de integração em torno de um polo de modernização e consumo, o molde Globo favoreceu, nas novelas, um modelo de representação da sociedade brasileira centrado em uma zona do Rio. Evidenciava o eixo das praias Ipanema-Zona sul... é um espaço social fechado"*(10).

Esse modelo global será analisado aqui por meio do entendimento de dois telejornais (SP- Já e Jornal Nacional), que para o público apresentam-se como divulgadores de fatos e situações reais, acontecidos em algum ponto da cidade/mundo, constituindo-se muitas vezes em quarenta e cinco minutos diários de informações, e de duas novelas, onde os dramas e conflitos são ambientados nas duas grandes metrópoles brasileiras: São Paulo ( Meu Bem Meu Mal) e Rio de Janeiro( Lua cheia de amor). Estas embora centradas sobre

9) Horkheimer e Adorno- A dialética do Esclarecimento.

10) M. Mattelart. O carnaval das imagens, pg. 113.

idades diferentes oferecem os mesmos tipos de informações sobre elas: cenas panorâmicas onde se busca focalizar lugares tipicamente paulistas ou cariocas ( Av. Paulista ou vista da Baía de Guanabara), cenas de objetos ou serviços presentes nas cidades que de alguma maneira façam alusão a algum tema específico ( no caso de São Paulo cenas do metrô; no Rio de Janeiro do transporte coletivo- ônibus/ trem-; toda vez que a cena posterior se referir a dia de trabalho); falas (sem imagens da cidade) sobre o que se pensa da cidade, seus problemas, suas maravilhas; e por fim o dia-a-dia dos personagens com enfoques bem diferenciados das questões sobre casa, bairro, público x privado, locais de encontro, vida comunitária ou não, que nas novelas dependem da classe a que pertence o personagem. Um contraponto que pode e será analisado posteriormente é de como a cidade foi mostrada por uma novela ambientada na "zona rural". Para isso dentre as várias existentes no período analisado foi escolhida a novela Pantanal, líder de audiência no horário das 21:30 horas, tendo sido considerada como um marco na telematurgia brasileira devido as "revoluções" apresentadas em termos de ritmo ( lento em oposição ao frenético mostrado pelo padrão global, posto que as novelas são passadas na cidade) e linguagem cinematográfica ( muitas cenas externas com paisagens belíssimas do Pantanal).

Mas por quê centrar o modelo de modernidade no urbano? Pois é no modo de vida urbano que o cotidiano,

entendido como repetição de gestos, de trabalho, de vida, reproduz-se plenamente.

O urbano é o elemento chave para a compreensão do conceito de cotidiano em Lefebvre. Para esse autor o urbano estaria relacionado com um modo de vida, embora no senso comum coloque-se como sinônimos, urbano e cidade. A cidade, pode-se dizer, talvez seja o lugar privilegiado do urbano, que entretanto não se encerra aí. Refirimo-nos a um modo de vida, o urbano (ou talvez mesmo aos modos de vida urbanos), que está presente nas cidades mas não é exclusivo delas, existindo mesmo uma tendência de hegemonia desse modo de vida sobre lugares caracterizados como rurais. No nosso caso, restringiremo-nos ao entendimento do urbano por aqueles que vivem as e nas cidades.

As cidades modernas são obras dessa urbanidade. Embora frutos do trabalho social, nem sempre a cidade é reconhecida como tal. Por diversos motivos, como veremos, as cidades deixaram de ser o lugar privilegiado do encontro, da festa, como eram em tempos não muito remotos, para se tornarem, ao nível consciente da sociedade, o lugar das trocas, produção de mercadorias e do consumo. Poucos são conscientes que também é na cidade, embora não exclusivamente nela, que se dá a produção da própria cidade, enquanto um bem material, e a produção da sociedade urbana, não apenas materialmente mas inclusive da sociedade que se reproduz- (indivíduos, relações sociais, cultura, etc). Essa reprodução, a qual chamamos de cotidiano, não é mera

repetição. É repetição mas é também transformação, muitas vezes lenta, quase imperceptível. Essa mudança garante-se pelos conflitos sociais, lutas pela posse da terra, por serviços, por necessidades que a cada dia impõem-se como novas, principalmente em relação ao espaço, que em um contexto mais técnico passa a ser colocado como fator que além de fornecer matéria-prima, oferece também a necessidade de diminuição de distâncias, com o aumento da velocidade da informação, circulação e troca de mercadorias. Além dos conflitos e necessidades, as mudanças e transformações também se garantem pelos sonhos, pelo imaginário, por sentimentos, pelas imagens que as pessoas criam da cidade. Essas imagens surgem como construção da própria cidade que entretanto é capturada e percebida pelos diversos agentes sociais de forma diferenciada. E embora exista uma estratégia na tentativa de capturação desse imaginário a fim de canalizá-lo em outras direções e criações de imagens, nem tudo consegue ser capturado. Os "resíduos", como aponta Lefebvre, abrem a possibilidade para as transformações do amanhã.

Difícil, como veremos, é conseguir captar por meio dos telejornais e das novelas esses "resíduos", uma vez que a programação de um dos veículos da indústria cultural tende a reforçar apenas algumas das características da vida urbana, fundamentalmente aquelas vinculadas a sua reprodução.

Uma delas seria a extrema divisão de trabalho pela mediação da técnica no sistema produtivo, que a cada dia cria um número cada vez mais ilimitado de objetos de consumo. A contradição desse processo é que embora o número de mercadorias tenha aumentado consideravelmente, o mesmo não se pode dizer dos consumidores. O desenvolvimento desigual dos países reflete-se nas desigualdades entre o consumo dos mesmos, reproduzindo-se dentro de cada país. A abundância e a escassez caminham juntas na sociedade moderna.

Outra marca seria a perda do conteúdo do trabalho enquanto criação social. O trabalho que é responsável pela própria produção dos indivíduos de uma sociedade e de seu modo de vida; na sociedade moderna- onde dele foi retirada a criatividade passando a ser repetitivo e monótono- muda de conteúdo e deixa de ser encarado como a atividade de um sujeito, tornando-se um tempo obrigatório a ser usado todo o dia pelo cidadão a fim de com ele, obter recursos para consumir, quando possível, os objetos criados para sua reprodução. Em contraposição a essa idéia de trabalho forçado, cria-se a do lazer, do ócio, do "não fazer nada" como contraponto. Hoje o trabalho já não pode ser visto como uma atividade que satisfaz o indivíduo, e seu lazer tende a ser capturado, suas horas de "ócio" canalizada para o consumo de coisas e de lugares, via televisão, cinema, turismo. A diversão deixa de ser apropriação e passa a ser espetáculo.

Consumo parece hoje ser a palavra chave da moderna sociedade. O consumo tem o duplo caráter. Por um lado é uma forma de produção humana. Não pode existir produção sem consumo, nem consumo sem produção. O próprio processo de produção revela-se como consumo produtivo. O produto realiza-se enquanto produto através do consumo, por seu valor de uso. Por outro lado a produção também determina o modo de consumo. Nessa perspectiva o consumo é um momento da produção.

Enquanto um momento da produção, o consumo não pode ser espontâneo, refletindo as necessidades dos indivíduos, pois para o mercado, no momento atual do processo industrial, isto seria inviável. Mas também não pode ser imposto formalmente, pois as pessoas não se sentiriam livres para escolher. A saída foi dirigir esse consumo, mas dando-lhe uma aparente liberdade. Tudo parece ser apenas sugestão. A decisão final parece vir do consumidor.

A vida das pessoas passa a ser socializada. É a socialização imposta pelo capitalismo, onde as relações de poder e a propriedade se generalizam, se mundializam, ao mesmo tempo que se prega uma "reprivatização" da vida cotidiana. As pessoas passam a pensar somente em si, consomem para ter satisfação própria e juntamente consomem o que todo mundo consome, ou tem/deve consumir.

Para que essa contradição aparente do consumo-mundialização e reprivatização- seja possível, uma série de

instituições têm de trabalhar juntas para conseguir tal intento. Estado, Igreja, Escola, Família. De modo diferenciado, representam, além de seus outros papéis, instâncias do poder e mantentoras da ordem, renovando assim o capital cultural (11) . Pela mediação dessas instituições o capitalismo impõe-se. Para isso ele tem que *"dissolver o antigo modo de vida e reconstituí-lo na base das novas relações capitalistas, impor aquilo a que se chamará o reino da mercadoria, tal é, em definitivo, a condição do alargamento a toda sociedade das relações de produção capitalista, a condição para um novo lançamento (provisoriamente) durável da acumulação do capital"*(12) . Para a dissolução do antigo modo de vida faz-se necessário a *"dissolução das relações sociais que ligavam os homens entre si na vida familiar como na social, por um lado, a dissolução das relações que os homens mantêm com os objetos e os utensílios de que se servem e que os leva a perpetuar ou não esse modo de vida"*(13) . Deste modo a tv, enquanto um objeto, vem cumprindo seu papel na dissolução de um antigo modo de vida. Primeiro a fascinação pela tv e a necessidade a que todos foram impostos, fizeram dela elemento indispensável nos lares. Dentro deles ela ao mesmo tempo que mina com relações antigas- a conversa durante o jantar, por exemplo- cria novas- todos com pratos em frente a tv em

11) N. Canclini. As culturas populares no capitalismo, pg.38  
Ver também H. Lefebvre. La vida...op. cit. e Muniz Sodré.  
A Máquina de Narciso.

12) André Granou. Capitalismo e modo de vida, pg. 51.

13) Idem.

silêncio, vendo notícias ou novelas. As novas necessidades geradas pelo anúncio de produtos na tv, produz mudanças no modo de consumir: torna-se imperativo acompanhar a moda. A necessidade não é essencialmente do uso, mas do ter enquanto necessidade social. A tv torna-se companhia para todos e principalmente para os solitários. Um objeto que tendencialmente toma o lugar de um ser, e assim esse objeto tende a *"ditar aos homens o que devem fazer e como devem agir e a reger o que lhes sobra de relações humanas"*(14) . Hoje, exemplificando a situação, graças a novela "Pedra sobre Pedra" cresceu o consumo de anturios brancos, que representa nesse programa de entretenimento o "falo" de um morto e a oportunidade de ter o apetite sexual saciado, "comendo-se" a flor em questão.

Assim *"ao substituir as relações sociais diretas, a mercadoria, se é também produção de uma relação de troca (valor), é em primeiro lugar, produção de não-troca entre os homens, de não comunicação"*(15). Nesse sentido a tv, acompanhando a tendência à industrialização do mundo moderno, aparece auxiliando na atomização da família, sendo, enquanto um objeto *" a certeza de que as pessoas já não se falam , de que estão definitivamente isoladas face a uma palavra sem resposta"*(16)

Mas não é só a família que se transforma nessa nova orientação da reprivatização e da não comunicação.

14) Ibidem. pg. 13.

15) Ibidem, pg. 53.

16) Ibidem, pg. 55.

Outras instituições também se modificam e tomam parte nessas mudanças. O Estado, por exemplo, assume a organização *"dos dispositivos de força ou institucionais, capazes de preservar a integridade territorial e cultural"*(17) , criando para si uma autoridade baseada no desenvolvimento do bem estar "moderno". Na família a autoridade do pai sobre a mãe, e dos pais sobre os filhos se esfuma, fato este incentivado pela pedagogia moderna que prevê esse afrouxamento do controle familiar. Tudo isso em prol da difusão do mundo.....da.....mercadoria, e por conseguinte da produção , consumo e de seu ideário.

Para que o consumo e com ele todo o processo de produção se estendesse era necessário que as comunicações se ampliassem em escala global. Essa necessidade fez emergir uma mass-media tecnologicamente sofisticada, que modernamente segundo Sodré dará *"o ideal comum de uma família, de uma classe ou de uma nação"*(18) .

Mas como ao mostrar o que se pensa ser a vida urbana, por meio de imagens, discursos e situações (algumas até rotineiras, outras excepcionais) é possível estimular o consumo? Talvez porque hoje faça parte do modo de vida urbano o ato de consumir, de ter, como que sem isso as pessoas fossem menos pessoas na sociedade. Mas consumir não se resume a compra de mercadorias ou bens materiais. Consumem-se também idéias, valores, estilos de vida e a própria cidade, ou pelo menos as imagens que dela surgem e

17) Muniz Sodré. A máquina de Narcismo, pg. 114.

18) Idem, pg. 16.

que são projetadas na tv como as únicas verdadeiras, ao mesmo tempo transparentes e reais, e que de alguma maneira se cristalizam enquanto concreto nos indivíduos.

Fazer consumir em larga escala para ampliar o sistema produtivo exige uma estratégia. *"O moderno fabricante tem de educar as massas na cultura do consumo. A produção exige um mercado maciço para absorvê-las"*(19) . Não basta anunciar o produto. Ele tem que se tornar desejável, sensual, autêntico e único perante o consumidor.

O alcance desse objetivo só foi possível com o aprimoramento e uso de todos os recursos tecnológicos no nível produtivo- com a utilização da informática e robótica- e consumidor- com o desenvolvimento das comunicações- no nível global.

A modernidade também contém esses aspectos. Mundialização e globalização. Simultaneidade e instantaneidade em todos os níveis. A produção e consumo de massas só são possíveis em uma sociedade que, pelo menos aparentemente, possua concepções de mundo "homogêneas", o que só é realizável na medida em que idéias generalizam-se, não só por intermédio das instituições, mas principalmente por algo que inclusive permeia as próprias instituições: a publicidade.

Tecnicamente a publicidade utiliza-se dos meios mais avançados e disponíveis em nossa sociedade: dos desenhos artesanais as mais avançadas formas de desenho

19) C. Lasch. A cultura do Narcisismo, pg. 102.

computadorizado; da simples exposição do produto a ser vendido a não exposição direta do mesmo; da publicidade por meio de outdoors, propagandas na imprensa escrita, locuções de rádio, comerciais em Tv e a propaganda feita com exclusividade para o cinema. Aparentemente a publicidade tem apenas uma meta: vender produtos. Mas na prática ela faz muito mais do que isso: ela difunde idéias, produz um consumidor para o produto que veicula, um lugar especial para a venda de determinadas mercadorias e um modo de vida com base no consumo de objetos: *"A publicidade cumpre a função ideológica, vincula o tema ideológico a uma coisa conferindo-lhe uma dupla existência, real e imaginária"*(20).

Mas que tipo de idéias, além do próprio consumo, a publicidade divulga, tão caras a reprodução do sistema capitalista? Ela divulga os princípios e valores do que para o bom funcionamento do sistema deveria ser a moderna sociedade.

Que idéias divulgar? Que transformações tentar impingir? Segundo Granou é a *"universalidade de (o acesso ao) consumo que o capital queria impor aos trabalhadores como normas de liberdade, de igualdade e de fraternidade"* que na verdade nada mais são do que *"a aparência de uma nova aristocracia dos usos, de uma "moral para uso dos escravos"*(21) .

Em primeiro lugar divulga-se que a vida moderna é urbana. É ainda achar-se em contato com os maiores avanços

20) H. Lefebvre. La vida...op.cit. pg. 134.

21) A. Granou. Capitalismo e modo de vida, pg. 57.

técnico-científicos e se possível consumi-los. Mas para a maior parte da sociedade esses avanços se materializam em objetos de consumo individual: carros, eletrodomésticos, computadores, telefones, fax, etc. Dentre esses objetos um, mais especificamente, tem se difundido de tal maneira que ele próprio se tornou um signo da modernidade e um de seus principais divulgadores: o televisor ou a TV.

Difundida, a TV penetra em todos os lares não importa se nas cidades ou nos campos, levando suas mensagens. Uma delas é que pela ciência tudo passa a ser possível, nada parece ser anormal. A realidade passa a ser vista ao vivo, direto, muitas vezes em cores, sendo reduzida a um discurso, que como a imagem, aparece pronto e acabado. Lasch afirma que desse modo a realidade *"não é real, no sentido de que nasce de uma compreensão comum às pessoas, de um passado e valores comuns. Cada vez mais, as nossas impressões sobre o mundo derivam não das observações que fazemos, tanto como indivíduos quanto como membros de uma comunicação, que vomita informação, a maior parte dela inacreditável, sobre acontecimentos dos quais raramente temos algum conhecimento direto"*(22) .

A Tv ainda revela uma outra face da modernidade: a valorização dos signos e sinais em detrimento dos símbolos. Os últimos davam sentido ao objeto, reproduziam sua história, projetavam uma concepção de mundo. Hoje, após a ascensão dos signos, a identidade do objeto passa a ser

22) C. Lasch. A cultura do narcisismo, pg. 119.

particular, feita sem a mediação da história. A interpretação e o sentido do produto passa a ser feito pela moda. A TV é um signo da modernidade, que emite sinais. Estes *"não tem outro significado que a ordem estipulada e pode comparar-se aos signos sem significado (tais como as letras) que entram em unidades articuladas (as palavras ou morfemas). O sinal manda, ordena comportamentos e os regulariza"*(23) . Como um semáforo os sinais emitidos pela TV dão ordens. Só que ao invés de "pare" ou "siga", a ordem mais difundida é "consuma": produtos, imagens, idéias, modos de vida, cidade.

Mas como explicar a aceitação dessa ordem, do consuma "tudo", que é atributo de uma classe privilegiada? Esse fato talvez se deva por existir uma identificação entre as diferentes classes. Segundo Freud isso ocorre porque *"...as classes oprimidas podem estar emocionalmente ligadas a seus senhores; apesar de sua hostilidade para com eles, podem ver neles os seus ideais"*(24) , sendo que por outro lado esses ideais são reforçados diariamente, enquanto mensagens, por meio e principalmente pela tv através de sua programação.

Diante dessa emissão de sinais a TV reduz *"o espectador à passividade do puro olhar e, além disso, induz uma série de operações intelectuais (recepção duma mensagem, decodificação) que implicam a aceitação da rede, do "canal"*

23) H. Lefebvre. La vida...op.cit., pg. 82.

24) S. Freud. O futuro de uma ilusão in Os Pensadores,pg.94.

*e, conseqüentemente, de todo o seu quadro social"*(25) . O puro olhar, de recepção, contrapõe-se ao ato de observar, analisar, refletir. São tantas informações e em uma tal rapidez, que o telespectador não tem tempo de digerir e analisar informações e imagens, que muitas vezes até se contrapõem. A TV cria um estado de letargia em sua audiência, ao mesmo tempo que cria um ritmo que por outro lado passa a exigir da programação de tv uma modificação a fim de tentar controlar o efeito zapping, que será discutido posteriormente.

Perante essa aparente passividade produzida, por meio da TV tenta-se ainda produzir uma idéia do que seja o indivíduo em nossa sociedade, do que é a sociedade e da cidade onde vive. Em primeiro lugar o indivíduo é um consumidor, embora muitas vezes não perceba que o consumo é uma *"outra face do trabalho industrial... Seja como trabalhador ou como consumidor, o indivíduo não apenas aprende a avaliar-se face aos outros mas a ver a si próprio através dos olhos alheios; aprende que a auto-imagem projetada conta mais que a experiência e as habilidades adquiridas"*(26) .

Em segundo lugar a nossa sociedade é a do consumo e parece sobreviver dessa concepção onde o consumir aparece como sinônimo de liberdade e de existência- "o dinheiro compra tudo- e por último a cidade, que hoje em dia tem sido

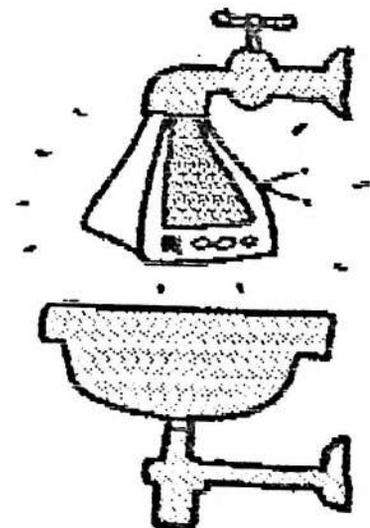
25) H. Lefebvre. *Estrutura Social: a reprodução das relações sociais*, pg. 24.

26) C. Lasch. *O mínimo eu*, pg. 21.

vista, ou pelo menos mostrada, como o lugar da produção e da violência.

Que produção de imagens é essa? Como surge? Como é aceita e que repercussões ou influências ela tem sobre a vida urbana? Como os telejornais e novelas, especificamente, encarregam-se, através de suas imagens e falas divulgar o mundo da mercadoria? Que cidade produz-se e vende-se por meio das imagens criadas na e pela sociedade através da tv? Qual é o cotidiano, segundo essas imagens, das pessoas urbanas? Qual é a vida urbana?

## II - O cotidiano difundido pela TV



## II- O COTIDIANO DIFUNDIDO PELA TV

Segundo Lefebvre o cotidiano é ao mesmo tempo o mundo da repetição, da estabilidade e seu contrário: um processo ativo de revolução presente nos sonhos, no imaginário, no simbolismo. É a repetição, mas também é evocação e ressurreição. Assim para o autor o cotidiano, enquanto conceito, só existe no mundo moderno, pois em sua trivialidade o cotidiano "*se compõe de repetições: gestos no trabalho e fora do trabalho, movimentos mecânicos... , horas, dias, semanas, meses, anos*"(27) . Se é a repetição de tudo, esse "cotidiano" não poderia existir antes da difusão da urbanidade e industrialização, que levaram a um processo tendencial de homogeneização de modos de produção, processos de trabalho, consumo, modo de vida, das relações sociais e da construção do homem moderno.

Essa tendência à homogeneização da vida só pode realmente ser possível se, pelo menos aparentemente, as contradições e conflitos existentes na vida urbana desaparecessem. Como eles permanecem vivos, sendo verdadeiros focos de resistência a esse processo , a saída

27) H. Lefebvre. La vida ...op. cit. pg. 29,

encontrada para a efetivação dessa tendência é dissimular a realidade, tentando minimizar ou pelo menos "ocultar" a existência dos conflitos.

Dissimular a realidade. Nada melhor para isso do que criar ilusões, que ao mesmo tempo não afastem demais da existência, a fim de que possam ser utilizadas como reais e verdadeiras. Materializando essa idéias seria criar, por meio de espelhos, um mundo de imagens, de ilusões, que como nos diz Eco, parecem mais perfeitas que a própria realidade(28).

Os espelhos, a princípio, seriam os próprios meios de comunicação, que por sua própria aparente neutralidade e racionalidade, apresentariam o mundo como ele é: via satélite, ao vivo, em cores, com som estéreo. De todos os meios de comunicação, o que hoje mais se aproxima dessa descrição e que ao mesmo tempo se difunde, enquanto um aparelho eletrodoméstico pelo mundo, é a tv.

A televisão tem como finalidade transmitir instantaneamente imagens. O "ver a distância" envolve três estágios: (a) a análise e conversão da imagem luminosa em sinais elétricos; (b) a transmissão de sinais elétricos aos locais de recepção; (c) a síntese e reprodução visível da imagem original extraída dos sinais elétricos. As pessoas para poderem ver essas imagens têm que possuir um aparelho-televisor, também vulgarmente conhecido por tv, que receba

28) U. Eco. Viagem na Irrealidade cotidiana.

os milhões de sinais elétricos, que para o telespectador formam uma imagem na tela.

A tv, enquanto um aparelho moderno, teria assim a capacidade de informar através das imagens produzidas. Isto é o que garantem as emissoras de tv por meio de várias chamadas na programação diária, onde com grande eloquência destacam o jornal "verdade", com notícias e imagens do mundo. Mas apesar de todas as imagens e falas apresentadas, isso, necessariamente, não significa que o espectador esteja sendo realmente informado. A informação requer uma consciência espacial, atualmente muito pouco desenvolvida. A informação deve ser entendida, e mais, comunicada de forma consciente. Mas como a tv pode se propor a esse papel se mesmo tecnicamente, pelo menos em países como o Brasil, "a imagem da tv, visualmente, apresenta baixo teor de informação. Ela não é uma tomada parada. Não é fotografia em nenhum sentido- e sim o incessante contorno das coisas em formação delineado pelo dedo perscrutador. O contorno plástico resulta da luz que atravessa e não da luz que ilumina, formando uma imagem que tem a qualidade da escultura e do ícone, mais do que a da pintura. Três milhões de pontos por segundo formam a imagem-chuveiro que o telespectador recebe. Destes, ele capta algumas poucas dúzias, com as quais forma uma imagem"(29) .

Esse aparelho teve sua ampliação comercial nos EUA após o fim da 2ª Guerra Mundial. No Brasil mesmo tendo

29) M. Maclucan. Os meios de comunicação de massa como extensões do homem, pg. 351.

chegado nos anos 50, teve seu desenvolvimento e ampliação durante os anos 70. Hoje, de acordo com dados recentes, no Brasil a cobertura geográfica das redes de tv é de 99.8% do território nacional(30) e em média 71,5% dos domicílios no país possuem um ou mais aparelhos de televisão(31), sendo que na região metropolitana de São Paulo esses números chegam a 90,6%(32).

Presentes na maioria dos lares, a tv é o signo da modernidade, levando a instantaneidade e a globalidade para dentro das casas, ao mesmo tempo que mantém uma relação particular com quem a possui. Fala com todos e se dirige a cada telespectador em particular. Por meio dela, a publicidade apaga a idéia do "homem ativo", substituindo-o pela imagem do consumidor como razão de felicidade, como racionalidade suprema, como identidade do real e do ideal.

Esse consumidor é modernamente individualista. Exaltado pela publicidade pelo "ter", é reforçado pela tv, que aparentemente resgata a segurança do individuo, pois por meio dela pode-se ver sem ser visto. *"Essa dicotomia entre ver e ser visto é correlata de outra, fundadora da "função" individualizante moderna: a separação radical, por parte do individuo, entre "si mesmo" e seu papel social"*(33).

Além da pregação ao individualismo a tv difunde imagens. Mas o que são imagens? Segundo Sartre *"a imagem é um certo tipo de consciência. A imagem é um ato e não uma*

30) Exame, 21ago91, pg. 121.

31) Dados IBGE, 1988 in Exame, jan91, pg. 31.

32) Dados SEADE/IBGE, 1990 in Veja, 13fev91, pg. 21.

33) Muniz Sodré. A máquina de Narciso, pg. 23.

*coisa. A imagem é consciência de alguma coisa" (34) .*  
 Entretanto ainda de acordo com o autor existe uma tendência por parte de uma "teoria pura" de fazer da imagem uma coisa(35) . Essa é a noção de imagem difundida pela tv. Ao fazer da imagem, a coisa, o real.....instantâneo, a imagem deixa de existir para a consciência, passando a existir em si, "aparece e desaparece a seu critério e não ao critério da consciência; não cessa de existir ao deixar de ser percebida, mas prolongada, fora da consciência, uma existência de coisa"(36) .

Assim "ao habituar-se a esse exercício de presentificação continuado que acontece, o leitor perde, ao contrário, consciência do fato que o que acontece deve desenvolver-se segundo as coordenadas das três êxtases temporais. Perdendo a consciência delas, esquece os problemas que nela se baseiam: isto é, a existência de uma liberdade de fazer projetos, do dever de fazê-los, da dor que esse projetar comporta, da responsabilidade que dele provém, e enfim da existência de toda uma comunidade humana cuja progressividade se baseia sobre o seu projeto"(37).  
 Desse modo no ato da imaginação, ao invés da consciência se relacionar diretamente por intermediação com o objeto, ela tende a se relacionar por intermediação do seu simulacro, alterando assim a percepção e entendimento do real. Nesse processo estaria embutido a supressão da indeterminação, e

34) J. P. Sartre. A imaginação, pg. 120.

35) Idem, pg. 7.

36) Ibidem, pg. 7.

37) Umberto Eco. Apocalípticos e Integrados, pg. 262.

por consequência , a negação da possibilidade de escolha livre, da liberdade. O imaginário se curvaria as pré-determinações da vida cotidiana, ao invés de se colocar como resultado de uma praxis, entendida como descoberta do que ainda não é, mas que por uma escolha livre poderia vir a ser.

Embora pareça um simples jogo de palavras entre real e simulacro, este artifício encobre um ardil. A estratégia está em tentar dominar ou alterar a imaginação, os sonhos, as aspirações de modo que estes façam parte de uma operacionalidade do mundo moderno.

Para isso bombardeiam-se a todos, durante a programação televisiva, com "compre", "viaje", "seja feliz" (porque comprou), esfumando-se a consciência do ato de produzir, do trabalho que passa a ser visto como uma mera ocupação, necessária para que possa viabilizar o consumo. Com isso a própria consciência da construção da cidade, enquanto uma obra coletiva, desaparece, permanecendo apenas a cidade enquanto objeto de consumo, lugar de consumo.

Isso é conseguido na medida que pela tv tenta-se reproduzir no mundo todo o que outrora só se encontravam nas grandes cidades, que eram *"sede da mais alta divisão econômica do trabalho"*... oferecendo *"um círculo que, através de seu tamanho, pode absorver uma variedade altamente diversificada de serviços"* ... e cuja vida *"transformou a luta com a natureza pela vida em uma luta entre homens pelo lucro, que aqui não é conferido pela*

*Natureza, mas pelos outros homens*"(38) . No fundo pode-se até dizer que a tv tenta simular para todos os efeitos psicológicos que antes só as pessoas das grandes metrópoles sofriam: o chamado efeito blasé, que consiste, basicamente, em agitar os nervos até seu ponto de mais forte reatividade por um tempo tão longo que eles finalmente cessam completamente de reagir(39) . Saturação de informação e excepcionalidade têm sido os mecanismos para esse estado de letargia.

Mas com estas afirmações não estamos superestimando o papel da Tv na construção do cidadão "inerte", do cotidiano normatizado, do cidadão consumidor? Por outro lado, contribuirá ela para que os cidadãos consigam *perder-se* na cidade? Segundo Walter Benjamin " *saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução*"(40), ou seja, o perder requer a busca, a procura , o entendimento.

Para responder essas questões faz-se necessário saber em primeiro lugar o que a maior parte das pessoas assiste diariamente na tv, para que após um acompanhamento sistemático desses programas televisivos possa-se discutir como nesse veículo de comunicação é entendida a concepção de cidade, de cidadão e de vida urbana e de que maneira elas são recriadas enquanto imagens, que é nosso objetivo.

38) George Simmel. "A metrópole e a vida mental" in O Fenômeno urbano, pg. 22.

39) Idem, pg. 16.

40) W. Benjamin. Rua de mão única, pg. 73.

No caso da Grande São Paulo para saber o quê e o número de pessoas que assistem tv, foram utilizados os dados oferecidos pelo IBOPE, que embora questionáveis, são os mesmos utilizados pelas emissoras de tv para avaliação do grau de aceitação dos programas pela população, o que lhes garante (e em certos casos até tira) os anúncios de produtos que são a grande fonte de dinheiro das emissoras.

O cálculo dos índices de audiência é obtido pelo IBOPE a partir de dados fornecidos por aparelhos "telectrin" instalados em 256 tvs de famílias selecionadas na grande São Paulo. Esses aparelhos são distribuídos por classe sócio-econômica na seguinte porcentagem: classes A e B - 29%; C- 33%; D e E- 38% (41) . Com esses aparelhos, em países mais desenvolvidos tecnologicamente, não se registra apenas "o canal sintonizado e o tempo de sintonia, mas também por meio de sensores fotelétricos, se o telespectador está de fato presente diante da tela, se ele não se ausentou apesar do aparelho ligado. A tática dá às redes de emissão e aos seus patrocinadores alguma garantia de controle sobre os efeitos dispersivos do zapping televisual, mas prefigura também o rascunho, ainda que bastante primário, de um olho fotelétrico de vigilância"(42) . Assim ao mesmo tempo que mede a audiência e o modo como os telespectadores assistem a tv, permite ao IBOPE uma projeção sobre três milhões e novecentos e setenta e nove mil residências ( estimativa do

41) Tônico Duarte in Caderno de Esportes do Estado de São Paulo, 4out91.

42) Adauto Novais. "O olhar melancólico" in Rede Imaginária, pg .97.

número total de residências com aparelhos na Grande São Paulo hoje ) (43) .

De acordo com esses dados a Rede Globo é líder absoluta de audiência no horário a que se convencionou chamar de horário nobre da tv brasileira- das 19:00 às 21:30 horas, onde com pequenas margens de diferença, quatro programas da mesma emissora e em seqüência são os mais vistos diária e semanalmente pela população da Grande São Paulo, como pode ser visualizado pelo quadro abaixo.

### CINCO MAIORES AUDIÊNCIAS ESTE ANO EM SÃO PAULO E NO RIO

(De 07 de janeiro a 18 de agosto, segundo o Ibope)

#### SÃO PAULO

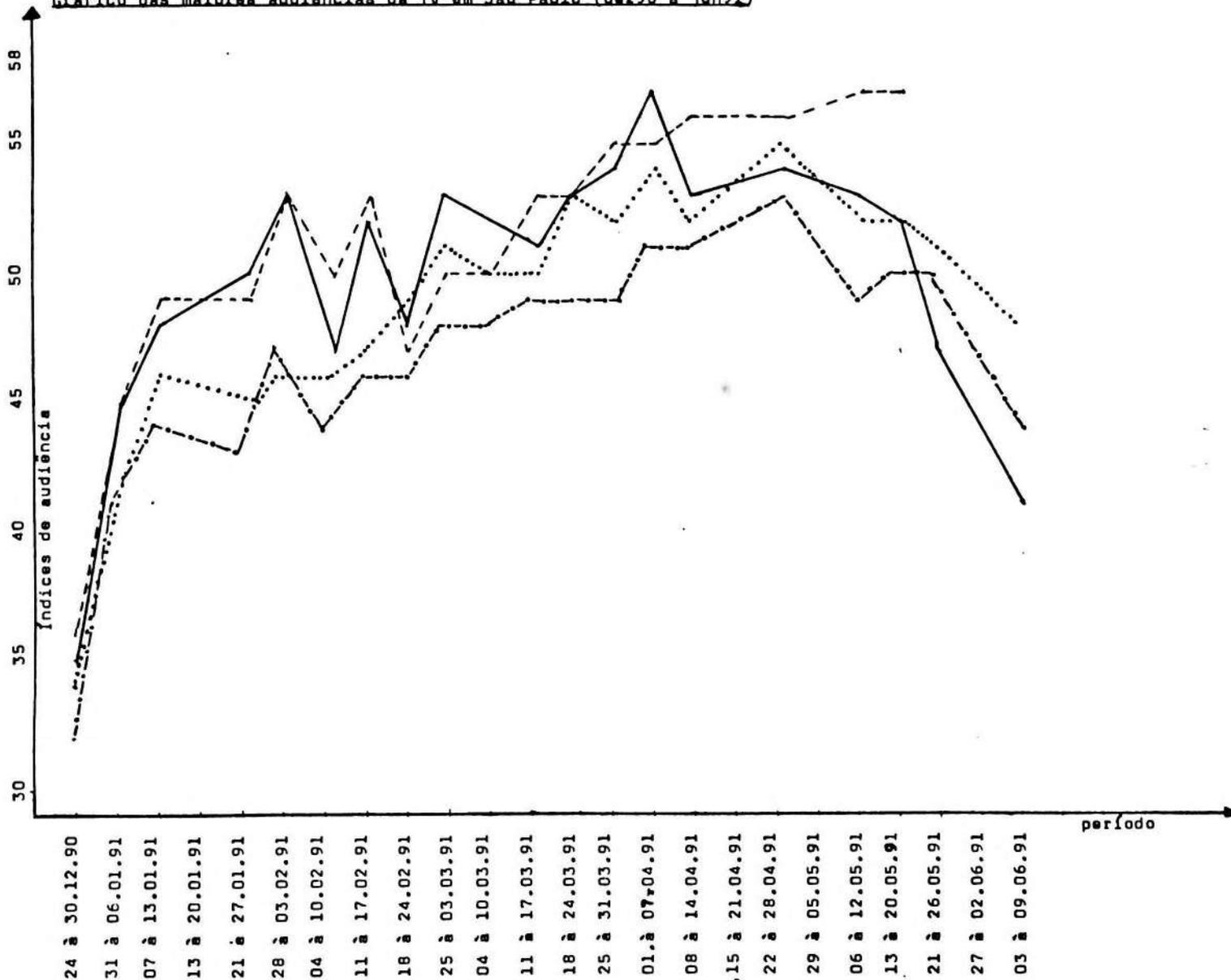
Programa	Canal	Posição	Audiência	Horário
Meu Bem, Meu Mal	Globo	57	2.284	29.04 a 05.05
Jornal Nacional	Globo	57	2.248	01.04 a 07.04
São Paulo Já (noturno)	Globo	55	2.196	22.04 a 28.04
Luau Cheia de Amor	Globo	53	2.125	22.04 a 28.04
Entrevista com Antonio Konder	Globo	52	2.057	28.01 a 03.02

#### RIO DE JANEIRO

Programa	Canal	Posição	Audiência	Horário
Jornal Nacional	Globo	61	1.423	06.05 a 12.05
Meu Bem, Meu Mal	Globo	61	1.421	06.06 a 12.05
Luau Cheia de Amor	Globo	59	1.381	25.06 a 30.06
RJTV - 2ª edição	Globo	58	1.357	25.02 a 03.03
Wamp	Globo	56	1.322	29.07 a 04.08

Fonte: Folha de São Paulo, 19.set. 1991. Caderno televisão

Gráfico das maiores audiências de Tv em São Paulo (dez90 à jun91)



Legenda

- Novela Meu Bem Meu Mal (horário das 20:30 às 21:20 horas)
- Jornal Nacional (horário das 20:00 às 20:30 horas)
- .....São Paulo Já (telejor.)(horário das 19:40 às 20:00 horas)
- .-.-.-.-Novela Lua Cheia de Amor(horário das 19:00 às 19:40 horas)

Fonte: Autimídia

Embora exista variações, em termos de média, temos, por ordem decrescente de audiência, a novela Meu Bem Meu Mal, O Jornal Nacional, O São Paulo Já, e a novela Lua Cheia de Amor. Os maiores picos de audiência, no caso das novelas relacionam-se com o climax do enredo que antecede aos momentos finais, e as maiores baixas aos feriados de final de ano ou prolongados.

Esses quatro programas foram acompanhados diariamente de dezembro de 1990 à de julho de 1991. Devido a diferença de teor e maneira de informar, eles puderam ser diferenciados neste trabalho em dois grandes blocos: os telejornais e as novelas.

Novelas e telejornais têm funções bem definidas (pela própria tv e telespectadores) na opinião pública: Os telejornais, ou programas de informação, têm como características básicas, dizer a verdade segundo critérios de relevância e proporção, separando informação de comentário. Já as novelas, ou programas de fantasia e ficção, a princípio pautam-se na suspensão da incredulidade exercida conscientemente pelo espectador(44).

No caso dos telejornais pôde ser observado que o Jornal Nacional, um dos líderes de audiência do horário nobre da tv brasileira tem edição nacional, ou seja, ele entra no ar através de uma rede de estações de tv, associadas à Rede Globo de televisão, que hoje conta com 79 emissoras que, por meio de retransmissões, consegue levar ao

44) U. Eco. Viagem na Irrealidade Cotidiana, pg. 183/184.

ar suas informações, atingindo quase todo território nacional (99,8% dele segundo os dados da autimidia e da própria rede em questão).

Nesse jornal destaca-se as informações sobre os fatos ocorridos no mundo, em especial durante o período analisado a cobertura da Guerra do Golfo, a crise mundial, os impactos ambientais resultantes do conflito, bem como as catástrofes naturais ( furacões, maremotos, ventanias, erupções e terremotos) e humanas ( acidentes aéreos, marítimos, rodoviários e ferroviários; explosões de gaseodutos). O "nacional" dentro do jornal envolve a política em Brasília ( fraudes do INSS), as catástrofes nacionais( desmoronamentos devido as chuvas, acidentes de ônibus em estradas), ficando as imagens e assuntos relacionados com o modo de vida urbano e com as cidades relegadas a um segundo plano e sendo as mesmas imagens que já haviam sido veiculadas no São Paulo Já, telejornal que antecede no horário das 19:40 horas.

O São Paulo-Já, ao contrário do Jornal Nacional, não atinge, em termos de cobertura territorial, todo o território nacional. Sua área de abrangência limita-se ao território correspondente à Grande São Paulo e pode ser considerado um telejornal regional, não apenas por sua capacidade de abrangência, mas também e principalmente, pelo fato de restringir suas informações, na maior parte dos casos, às acontecidas no território em questão, veiculando fatos mais relacionados ao dia-a-dia do ouvinte. Essa não é

uma característica exclusiva do São Paulo Já. Outros telejornais da mesma emissora têm essa mesma característica, como por exemplo, o RJTV, O NETV, o RGTV, etc. Esses telejornais são elaborados nos estados da federação por equipes de jornalistas da estação associada que fazem a produção do telejornal, denominado pelos responsáveis por "telejornais locais".

Dessa maneira o termo "local", confunde-se com a própria noção do território do estado onde o sujeito mora, na medida em que o local ganha a dimensão do lugar, no sentido do que é específico.

A articulação feita entre o Jornal Nacional e os telejornais regionais reside na incorporação de parte das notícias ditas locais ao telejornal de abrangência nacional, não sendo mais do que uma mera repetição de imagens e matérias já vistos no nível regional. Deste modo, na maior parte dos casos, os assuntos referentes as cidades e ao modo de vida urbano, contituiram-se dos mesmos veiculados no SP Já, daí a escolha desse telejornal para um estudo mais aprofundado.

## 2.1 SP. Já- a cidade veiculada

Como apresenta-se a cidade veiculada pelos telejornais? Ela mostra-se como real, verídica e a única possível. A própria maneira como as notícias são colocadas no ar induz a isso. Não só pela imagem apresentada, que na maior parte dos casos aparece como "o registro dos fatos" que isso é conseguido. A própria postura do apresentador na tela contribui para isso. Primeiramente o jornalista fala ou narra sempre olhando para a câmara, como se a falar a cada telespectador em particular. Além da fala do apresentador e das imagens "reais" apresentadas em relação ao fato, vários outros objetos são colocados em cena para dar maior veracidade as notícias. É o "ao vivo" na tela, ou o "direto" (sendo que este último dá-nos a idéia de ser na hora, mas na realidade não o é na maior parte das vezes), ou ainda o telefone no ar, como se realmente o repórter enviado a qualquer parte do mundo estivesse mesmo ali, do outro lado da linha a falar, criando um ar de autenticidade.

Esse clima de veracidade é que vai marcar as várias notícias que são apresentadas nos telejornais, que embora sejam noticiados como excepcionalidades, fatos curiosos, em sua grande maioria, de alguma forma espelham

parte da vida cotidiana da grande metrópole, embora deixe de registrar outros assuntos que também fazem parte dessa realidade.

Exemplificando. Durante os seis meses , onde diariamente foram assistidos os telejornais, pôde-se fazer um levantamento dos principais assuntos relacionados com o urbano e agrupá-los de acordo com o tema e o número de vezes em que foram notícia. É bom destacar que o tempo dedicado a cada notícia é dividido praticamente de maneira igualitária, procurando dar destaque ao que, na visão dos responsáveis pela notícia, vai ao ar todo dia. Nesse sentido foram acompanhados ininterruptamente a 135 telejornais SP-Já, onde puderam ser registradas 1138 notícias ligadas as cidades, tanto no que diz respeito as cidades médias do interior paulista quanto a Grande São Paulo, como está descrito na tabela abaixo:

Principais notícias do SP-Já - Período de 15.dez.90 à 15.jun.91.		
Assunto	nº de vezes	Características Gerais
Violência urbana	154	Assaltos, assassinatos, mortes e vinganças, tráfico de drogas, estupro e sequestros, medo.
Greves	71	metalúrgicos, motoristas de ônibus, petroquímicos, professores, lixeiros, portuários, fiscais profissionais da saúde, aeroviários
Chuvas na cidade	54	alagamentos, deslizamentos, caos no trânsito, desabrigados.
Saúde	48	epidemias, erros médicos, omissões de socorro
Política brasileira	47	Planos e mudanças de governo.
Serviços públicos	47	Mal funcionamento dos serviços públicos.
Meio ambiente e cidade	44	Cidade cinza, poluída, falta de verdes
Acidentes de trânsito	42	Batidas, atropelamentos, desastres
Consumo/Abastecimento	40	como e o que consumir, desabastecimento
Esporte	37	Campeonatos locais e nacionais, Fl.
Crise Econômica	33	Salências, desemprego, falta de investimentos
Política Urbana	31	Plano Diretor, tombamentos, planejamento habitacional, corredores de ônibus.
Protestos	26	Manifestações de grevistas e pela paz.
Incêndios	21	Explosões de gás, prédios.
Festas	26	Carnaval, Final de Ano, Dia da Cidade
Guerra de Golfo	16	Flashes dos bombardeios (internacional)
Produtividade	15	novas tecnologias, racionalização da produção
Ocupação/desocupação de áreas	15	* noticiado como invasão
Personalidades	14	Visitas de pessoas "ilustres", esta é sua vida
Habitação	13	Problemas de moradias, prestação de mutuários
Campanhas Nacionais	11	Contra cólera, AIDS, paralisia, dengue
Fuga da cidade	9	Descida em massa da população para a Baixada Santista e interior do Estado.
Educação	8	Modernização do ensino, escolas particulares
Impostos	4	Aumento de tarifas
Acidentes de trabalho	3	Construção civil
Outros	39	Fatos pitorescos- exposições em geral
Previsão do tempo e condições trânsito	díaria	
Total de notícias	1.138	
Total de telejornais	135	

Elaborado por G.A.Alves

Por esse levantamento pôde ser percebido que: de acordo com a tabela houve uma incidência diária nos telejornais da colocação da cidade como lugar da violência. Cento e cinquenta e quatro vezes em cento e trinta e cinco programas apresentados trouxeram-nos a visão da cidade violenta, vinculando essas notícias a uma visão de cidade produzida pela Rede Globo à idéia de cidade-palco, na maioria das vezes, e em outras ocasiões à cidade-organismo.

A primeira visão, de cidade-palco, é a que mais predomina nos telejornais. A cidade é encarada como o simples locus em que uma série de ações ocorre e que por outro lado acaba por caracterizá-la. Em termos geográficos significa entender o espaço geográfico conforme foi constatado por Carlos *"...como palco das atividades humanas, o lugar sobre o qual os agrupamentos humanos constroem sua existência"*(45). Aqui aparece uma primeira crítica em relação ao entendimento da cidade e do espaço geográfico. Apesar deste conter a dimensão da localização, o espaço a que nos referimos aqui tem como pressuposto ser produto do trabalho social humano. Enquanto produto humano ele traz consigo as marcas da sociedade que o produziu, ao mesmo tempo que também marca e condiciona a vida de seus construtores. Ele faz parte da vida da sociedade e reproduz a vida social, as relações sociais e de produção. Deste modo *"estamos analisando o espaço geográfico como um elemento*

45) Ana Fani A. Carlos. "A cidade e a organização do espaço" in Revista do Departamento de Geografia, n°1, pg. 105.

*dinâmico e componente ativo na relação do qual é produto, e não simplesmente como agente passivo”(46).*

Se em cada momento o espaço é marcado pelas formas de viver e de produzir em sociedade, com o espaço urbano isso não seria diferente. Porém não se deve imaginar que cada momento da história da sociedade os espaços construídos tenham se constituído de maneira autônoma em relação a seus predecessores ou sucessores. O espaço urbano produz-se como uma resposta possível, vinculado à história das relações homem/natureza, aos conflitos e contradições presentes no seio da vida e da constituição do homem. Hoje esse fenômeno tende a se generalizar enquanto modo de vida urbano, criando também seus conflitos e contradições, bem como as respostas possíveis.

Os conflitos e contradições aparecem nos telejornais analisados, confundidos ou escamoteados com o tema violência urbana, que foi e continua sendo o mais divulgado entre as notícias diárias. O locus da violência em geral, na visão dos telejornais, é a cidade, que por isso também é caracterizada como violenta. Todo dia (154 notícias/135 programas) ao menos uma notícia relacionava-se com assaltos, assassinatos, estupro, brigas de gangues, violência policial, sequestros. Assim as cidades paulistas, e principalmente a área metropolitana de São Paulo por 133 vezes abrigaram essa violência desmedida. Dessas notícias por 21 vezes destacava-se a falta de segurança, os medos da

46) Idem.

população, as fugas de presídios e cadeias superlotadas, e todas embalavam o "boa noite" dos telespectadores após um longo dia de trabalho.

É interessante notar que embora a violência relatada realmente exista, no SP já a maior parte dessa violência atinge as classes médias e as mais abastadas e não as classes populares, embora estas também sofram com o problema. A maior parte das notícias relacionava-se a assaltos armados a bancos ou carros fortes; assaltos à residências de classe média- Pinheiros, Moema, ou mesmo da classe tida como A- Jardins, Morumbi; estupro seguido de morte de uma moradora de Alphaville; morte e consumo de drogas entre os adolescentes da classe média; assassinatos misteriosos em apartamentos de Perdizes e Jardins; roubos e mortes em faróis na Av. Brasil, por causa de relógios da marca Rolex; isso sem falar nos sequestros onde não se sabe muito bem se a polícia entra no caso para salvar a vítima ou pelo resgate.

. Raras vezes a população de baixa renda é retratada na violência, ou melhor, excepcionalmente ela é a vítima, sendo na maioria das vezes a suspeita do crime. Em duas únicas ocasiões (0,01% dos programas) foram mostradas as violências cometidas contra essa população. Em uma delas falava-se em uma chacina numa favela da Zona Sul da cidade; em outra no assassinato de duas pessoas na zona Leste que recusaram-se a pagar o "pedágio" cobrado por bandidos que controlavam aquela determinada área da cidade. E embora

todas essas notícias tenham sido mostradas em forma de flashes, foi possível perceber que a cidade, pelo menos aquela que aparece na tela, não é apropriada da mesma forma por todos. Existe uma segregação espacial onde concentra-se as populações de mais alta renda em alguns pontos da cidade- áreas centrais, Jardins, Ibirapuera, Morumbi, Pinheiros, Perdizes, Moema- e outros que concentram as populações de baixa renda- Zona Leste de São Paulo ( Guaianases, São Mateus, C. Tiradentes, Artur Alvim, Itaquera) e Sudoeste( Parelheiros, Capão Redondo, Socorro), que se apropriam da cidade de maneira diferenciada.

Os primeiros têm a sua disposição os serviços de infra-estrutura básica, pagando taxas por eles; os segundos, muitas vezes, por não terem a disposição esses mesmos serviços veem-se obrigados a sujeitarem-se as exigências e vínculos com mandatários locais, sob o risco do uso da força. No caso, por exemplo, das morte na zona leste deram-se por falta de pagamento das taxas cobradas pelo serviço paralelo de distribuição de água. Será que para esses existe uma vida urbana , no sentido do cotidiano produzido pelo capitalismo?

A segunda crítica aos telejornais é que nestes o urbano muitas vezes é confundido e reduzido à noção de cidade. As coisas ocorrem na cidade e não produzem-se na e por ela. A vida simplesmente ocorre na cidade, mas não parece haver nenhuma especificidade nela. Passa-se a

impressão de que tudo poderia simplesmente acontecer em qualquer outro lugar.

A cidade, a nosso ver, é efetivamente uma das faces da materialização do modo de vida urbano. Pode-se até dizer que, em um mundo onde os símbolos foram suplantados pelos signos, a cidade aparece como a resistência desse processo, sendo realmente um símbolo do urbano. Símbolo pois é com a cidade moderna que se inicia de fato a urbanidade. A vida rural, na antiguidade, era marcada pela forte presença da família e comunidade na vida das pessoas. O ritmo da vida/trabalho era gerido pela natureza- pelos ciclos das estações, pela exploração ( tanto no trabalho servil, quanto no trabalho escravo), que dava sentido ao objeto produzido. As festas eram marcos religiosos e naturais- lazer e trabalho se associavam nesses encontros que normalmente tinham na cidade a sua realização. A cidade não era o lugar de excelência da produção. Era sim a centralidade do encontro para as trocas de mercadorias, discursos, política, festa, encontro de amigos (e inimigos), religião. Essa cidade, símbolo do poder- do despota , do príncipe, do senhor feudal, dos sacerdotes- reconhecido por todos, e ao mesmo tempo lugar de liberdade:

Com o desenvolvimento do capitalismo as cidades e a vida vão adquirindo um novo sentido. A produção em série e a divisão do trabalho tratam de dar prioridade ao trabalho industrial dividido, além de fazer com que o comércio adquira um ritmo cada vez mais rápido. O tempo passa a ser o

do relógio e a luz artificial imprime uma outra jornada ao trabalho. A festa deixa de ser um marco onde homem e natureza se reconciliam e passa a ser o espetáculo, onde nem todos mais participam como integrantes. A cidade centraliza a produção industrial, o movimento e a velocidade, tudo isso favorecendo as trocas, o comércio. O valor de uso é suplantado pelo valor de troca.

Talvez por isso muitas vezes tenha se subordinado a urbanização ao processo de industrialização. Mas não é a simples existência de um estabelecimento industrial que transforma a cidade e produz a idéia do moderno. O processo de produção da cidade transforma espaço em tempo: evolução dos sistemas de transporte, o desenvolvimento e a incorporação de novos materiais, de novas matérias-primas, de um novo traçado de cidade, novas fontes de energia e etc. Se de um lado isso exige um desenvolvimento técnico-científico, de outro produz novos homens para essa nova vida na cidade. Homens que consigam absorver as contradições da vida moderna, a ponto desta mudar suas vidas ou mesmo normatizá-las. Faz com que se desenraizem, que percam valores antigos para estarem abertos a novas possibilidades e necessidades, e porque não dizer livres para o consumo. Consumo de idéias, produtos e da própria cidade.

Mas o que é consumir a cidade? Consumir a cidade significa, no nosso entendimento, em primeira instância produzi-la. Como um produto muito especial, a cidade, enquanto materialização do trabalho humano que ao mesmo

tempo também reproduz nossa sociedade, incorporando à paisagem as características dessa sociedade.

O construir a cidade envolve um processo de urbanização. Tomemos o exemplo de São Paulo para tentar explicar esse processo. Segundo Lima(47) *"São Paulo surgiu da sua destruição"*. Talvez essa frase sintetize a urbanização de São Paulo : um processo contraditório pautado na interrelação entre a destruição/construção material e social da cidade, ou seja na sua reprodução. Sob o ponto de vista da velocidade do movimento , poderia-se até dizer que a cidade de São Paulo é moderna. Nela tudo fica velho, ultrapassado rapidamente e é destruído para dar lugar a novas construções, signos da modernidade, que por sua vez entrarão em decomposição antes mesmo de envelhecer, sendo destruídas em um tempo ainda menor que suas antecessoras. Como diz Benjamin ao falar do moderno: *"O desenvolvimento das forças produtivas deixou em pedaços os símbolos dos desejos do século anterior antes mesmo que desmoronassem os monumentos que os representavam"*(48) .

Essa cidade é construída sob a ordem do movimento de reprodução capitalista. Entretanto quem a constrói é a sociedade: as relações entre as classes produzem espaços diferenciados na cidade, muitas vezes até segregadores, e sob o fundo o Estado, tentando por meio de leis, planos diretores e urbanísticos, normatizar espaços e, com isso,

47) Jorge C. Lima. "Fragmentos de um discurso urbano" in Revista USP 5, pg. 39.

48) W. Benjamin. Paris Capital do séc. XIX, pg.43.

normatizar a vida na cidade. Mas também existe a luta pelo direito aos bens coletivos presentes na cidade (escolas, hospitais, meios de transporte, luz, água, esgoto, creches, telefones, ruas pavimentadas, etc) e pelo direito a moradia- via organizações de inquilinos, sociedade amigos de bairros, ocupação de terras, etc.

Mas a cidade é muito mais que construção material. Ela é também construtora de *"valores que representam a sociedade e os divulga. Tem uma cultura latente e responde a impulsos com velocidade"*(49) . Essa cultura , a urbana- que hoje tende a se generalizar por espaços que ultrapassam os limites territoriais da cidade- surge da própria relação de conflito entre os diversos agentes sociais, contribuindo ao mesmo tempo para alterar valores e manter a ordem estabelecida, sendo rapidamente absorvida e professada na cidade. Nessa difusão e divulgação de novos valores e modo de vida a tv em especial tem muito contribuído. Ela é rápida, veicula informações e imagens de maneira quase que instantânea, tem alcance global, além de promover por meio de sua programação o consumo enquanto ordem e as imagens da metrópole enquanto as únicas verdadeiras.

Assim nos telejornais se divulga o urbano enquanto cidade e a cidade enquanto o lugar da violência. Nas grandes cidades retratadas pelo telejornalismo- não importa mais se na região metropolitana ou nas chamadas cidades médias do interior paulista- a falta de segurança passou a ser uma

49) J. C. Lima. Op. cit. pg. 42.

característica da modernidade e atinge a todos os estratos sociais, embora o SP Já praticamente só noticie a violência contra as classes de maior poder aquisitivo. O contraponto a isso, ainda na tv, é o telejornal do Sistema Brasileiro de televisão (SBT) "Aqui Agora", tido como sensacionalista justamente por dar destaque a violência cometida nas classes de menor poder aquisitivo de nossa sociedade. O tema nos dois telejornais é o mesmo, as classes enfocadas é que são diferentes, sendo diferentes também as causas e os tipos de crimes cometidos. Enquanto no SP Já, as pessoas são assaltadas, sequestradas, no "Aqui agora" os crimes se relacionam com vinganças, falta de pagamentos, justiceiros, adultérios, brigas de vizinhos. Mas de qualquer maneira a cidade continua a sendo o palco. A violência continua sendo enfocada nos dois noticiários.

Violentas, nas cidades também, ao menos pelo apresentado nos noticiários, são as greves. Em 52,59% dos telejornais assistidos elas foram alvo de reportagens. Não que tenham ocorrido tantas assim. Em seis meses, dez greves setoriais (metalúrgicos, motoristas de ônibus, professores, setor de saúde, metroviários, portuários, aeroviários, fiscais, petroquímicos, lixeiros) eclodiram nas cidades, algumas simultaneamente, e como algumas delas arrastaram-se por mais de um mês (como a dos professores e profissionais da saúde) sempre tinha-se alguma notícia, que muitas vezes podia ser que tal categoria continua em greve ou o anúncio do seu término. Mas as que mais chamaram a atenção, devido

ao enfoque dado pela tv, foram a dos metalúrgicos e a dos motoristas de ônibus da capital. Os primeiros foram apresentados como vândalos, que depredaram o patrimônio da empresa, quebrando os carros que estavam no pátio; os segundos como violentos, por tentarem impedir que os colegas trabalhassem. O interessante é o uso feito das cidades pelas mais diversas categorias em greve. Elas tomavam os centros das cidades, paravam o trânsito. Faziam do protesto uma festa pelo centro da cidade, embora a notícia só registrava os transtornos provocados.

Embora essa profusão de notícias em forma de flashes fosse divulgada através das imagens da tv em forma de clips, desconectando fatos, colocando os homens como meros espectadores no sentido de assistentes passivos, muitas vezes essas imagens puderam ser identificadas com o cotidiano do telespectador, fazendo com que a tv perca (embora por poucos momentos) a função de disciplinadora, e, ao contrário promova a "desordem". Embora sempre, no telejornalismo da Globo, assuntos como greves de trabalhadores de diversos setores produtivos e manifestações populares (quando noticiados o que nem sempre acontece) sejam retratados como provocados por baderneiros e ladrões, não é exatamente assim que todos que os assistam interpretem. Carlos E. L. Silva em seu trabalho intitulado "Muito além do Jardim Botânico", constata que o senso crítico das pessoas é influenciado por muitas fontes (Igreja progressista, jornais, outros meios de comunicação,

participação em partidos políticos) e quanto mais próximo o fato da realidade cotidiana de uma determinada classe, mais distante da ordem televisiva fica. Por exemplo: Em meados de maio de 1992 ocorreu no Rio de Janeiro, mais especificamente na Zona Norte da Cidade, onde se concentra a maior parte da população de baixa renda, uma série de saques a supermercados. Embora o noticiário desse destaque ao fato com palavras do tipo: vandalismo, o que foi roubado foi whisk e queijos finos, segundo a emissora, as cenas mostravam sacolas largadas na rua (as pessoas largavam tudo ao fugirem da polícia) cheias de arroz, enlatados como óleo, leite em pó e sardinhas. Durante uma semana foram mostrados os supermercados saqueados, a ação da polícia. Na semana seguinte ocorria o primeiro saque a supermercados na Grande São Paulo, no município de Mauá. Alguns dos saqueadores (entre eles duas mulheres, de chinelo no pé), foram presos em flagrante. No depoimento dado a frente das câmaras e chorando muito as mulheres afirmavam que "como os saqueadores do Rio elas também tinham fome" e não imaginavam que pudessem ser presas por isso. Na sacola cinco kilos de arroz. De qualquer maneira essas pessoas, embora sem grandes discussões teóricas sobre o porquê, sem questionar a crise econômica que atinge o Brasil, conseguiram perceber nas situações mostradas no Rio de Janeiro a sua própria situação e seus problemas, embora não estivessem no mesmo lugar. A saída para o problema da fome

enfrentada na Grande São Paulo foi dada pela população de baixa renda de outra metrópole brasileira: o Rio de Janeiro.

Depois desse fato não se noticiou mais saques a supermercados no Brasil, só a violência em Los Angeles, mas enfocando-se apenas as questões raciais. Esse, por exemplo, foi o papel desempenhado pelo telejornalismo da Rede Globo durante os anos 70 e ainda hoje, quando necessário, mas embora exista uma censura sobre o que é noticiado e informado, nem sempre o fato é entendido como o proposto pelo telejornalismo. Algumas redes no Brasil ao perceberem que as notícias relacionadas com o cotidiano das classes populares geravam mais interesse entre os mesmos, optaram por um telejornalismo que quase exclusivamente mostrasse situações de violência entre a classe popular. "Aqui Agora" do SBT e Jornal Brasil da OM optaram por esse caminho. "Aqui Agora" como precursor trouxe para a telinha a fala radiofônica dos programas de violência cotidiana das rádios Ams. Embora se proponha a mostrar os diversos tipos de notícia, a ênfase é dada aos conflitos entre vizinhos, casos de adultério, morte por vingança, estupros, que em geral não contribuem para uma tomada de consciência da vida urbana, ou que esta seja apenas entendida através da violência do dia-a-dia, gerando o medo, a insegurança em todos, capturando deste modo a possibilidade de tomada de consciência do cotidiano, mantendo-o na esfera do repetitivo, e pior, no repetitivo da violência, aproximando-se da barbárie.

Assim enfocadas São Paulo, Rio de Janeiro, New York, grandes metrópoles, são consideradas, ao menos nos telejornais, cidades violentas. Mas a violência não para por aí. Os acidentes de trânsito também podem ser encarados como um tipo de violência, embora tenham aparecido em 31,11% dos telejornais como fatalidades. A imprudência, a pressa, o congestionamento, a neurose do trânsito, são considerados "normais" para uma grande cidade, mas o problema se reproduz nas cidades médias, embora com menos intensidade. Velocidade e agitação no trânsito. Velocidade e movimento na vida e na cidade. Velocidade introduzindo um novo tipo de mentalidade.

Esse binômio- velocidade e deslocamento- estão presentes na vida urbana. Tudo passa a ser encarado sob esse prisma: "Time is money". As relações sociais de produção são mediatizadas pela quantidade de objetos que podem ser comprados com dinheiro e quanto mais rápido acontece o processo de produção- entendido aqui não apenas como produção de coisas, mas de consumo também e portanto das relações sociais necessárias para que isso ocorra- mais depressa se reproduz o capital permitindo a ampliação do seu processo de valorização. Essa mentalidade é levada aos lares- ritmo, velocidade, agilidade- todos os dias pela TV e nos telejornais, mais especificamente, têm-se até a preocupação de informar diariamente como anda o trânsito nas principais avenidas da cidade: Rebouças, Treze de Maio, Radial Leste e Marginais são sempre enfocadas, embora no horário apresentado (por volta das oito horas) os que estão

no trânsito o enfrentam sem as informações da TV e a grande maioria que já está em casa não faça planos para se locomover naquele horário.

Um outro grande bloco que aparece, apesar de nunca as notícias se vincularem entre si e nem com o bloco anterior da violência/movimento é o que chamamos de notícias relacionadas com a crise econômica. Em 24,44% dos programas foram enfocados planos econômicos, crise no comércio, falta de compradores e conseqüentemente queda nas vendas. A crise atinge todo o país mas deixa marcas profundas na cidade. A reboque problemas de abastecimento; greves no setor produtivo e de serviços públicos; crise dos próprios serviços públicos, que em 34,81% dos programas tiveram destaque sendo sempre colocados em xeque e onde as saídas viáveis são sempre vistos pelo viés da privatização; ocupações de terras e prédios, segundo a imprensa levando a quem assiste a ver o fato sob a ótica jurídica que dá razão a quem tem legalmente o título de propriedade, desapropriações, desocupações, problemas de moradia que interferem nos problemas ambientais.

A tv nesse sentido tem reforçado a base da reprodução capitalista: a propriedade privada. Não é apenas o apelo ao ter e consumir, mas também pela naturalização e legitimização da propriedade privada como um estado de direito, sob o qual assenta-se toda a vida urbana de nossas cidades, a ponto que mesmo os expropriados defendem o direito a propriedade de outros, resguardando para si um

desejo futuro de também possuir. Assim mesmo entre as classes de menor poder aquisitivo, que apareciam nos telejornais, a opinião era de que não era justo que alguém pudesse ocupar os terrenos vagos pertencentes a outras pessoas. Foi noticiado a ocupação de terras em Diadema, Vila Socialista. A tv noticiava como invasão, e posteriormente, divulgava a recuperação e reintegração da posse das terras. As pessoas sem terem onde ir acabaram ficando em uma escola pública o que gerou protesto dos moradores locais, pois seus filhos ficariam sem aulas. Para onde ir os moradores? Esses teriam direito à cidade? Pelo visto não. Posteriormente foram colocados em containers improvisados na periferia de Diadema. Corte. Hora do esporte.

De flash em flash, todos os assuntos mencionados até então são tratados como casos ou problemas particulares das grandes cidades, mas nunca se relacionam uns com os outros. As informações são passadas como notícias isoladas e relevantes. Por exemplo: o deficit habitacional é tratado como uma questão numérica, mas nunca relacionada com os rendimentos familiares e o crescimento da cidade, a política habitacional, a migração. Os loteamentos clandestinos (irregulares) são responsáveis pela poluição das águas que abastecem São Paulo, mas não se questiona o porquê das pessoas irem aí morar e nem o porquê de morarem desse modo. As notícias aparecem como flashes. Esse ritmo acaba por provocar nos espectadores o mesmo efeito que Benjamin diagnosticava em relação ao cinema: "A associação de idéias

*do espectador é interrompida imediatamente com a mudança da imagem*"(50) .

Essa mudança de entendimento da realidade está relacionada com a manipulação da compreensão das imagens. Com isso altera-se a nível coletivo a imagem da cidade, por intermédio dos meios de comunicação, que vem tentando ignorar a cidade enquanto construção social, para criar a cidade objeto de consumo individual. Se esta hipótese estiver correta, com esta astúcia, ao mexer no imaginário coletivo da sociedade, altera-se muito mais do que uma imagem: tenta-se com isso cooptar os focos de resistência já que " *a imagem, a imaginação e o imaginário, parecem fundir-se e prolongar-se no fluxo temporal; e sem dúvida , a essência do imaginário se situa talvez na evocação, na ressurreição do passado; e assim , na repetição*"(51) , ou seja, o imaginário permanece presente no cotidiano e é por meio desse imaginário que o sujeito também se permite pensar não só o passado, mas principalmente o que esta por vir. Ele permite a possibilidade de ultrapassar o cotidiano, onde a realidade se explica por ela mesma, sem pensamentos mais profundos. Capturar esse imaginário, produzindo os "sonhos" que viabilizem a reprodução do capital, inculcando-as coletivamente, mas ao mesmo tempo criando a ilusão do sonho particular, único, torna-se o arдил que os meios de

50) W. Benjamin. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica in Obras Escolhidas I, pg. 192.

51) H. Lefebvre. La vida...op.cit.pg.29.

comunicação utilizarão em sua tarefa de construir a imagem da cidade de hoje.

A construção da nova imagem da cidade é a da sua própria destruição enquanto produção e vida. Se até então a cidade coloca-se como palco, as vezes, quando se quer dar destaque aos aspectos negativos das cidades, estas são comparadas a organismos. Em termos teóricos o enfoque de cidade, neste sentido, parece ser o mesmo dado por Park onde a cidade *"é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição"* e assim *"transporte e comunicação, linhas de bonde e telefones, jornais e publicidade, tendem a ocasionar a um mesmo tempo maior mobilidade e maior concentração de populações urbanas- são fatores primários na organização ecológica da cidade"*(52). Pautada na vertente da "Ecologia Humana" que tende a encarar a cidade como um sistema ecológico onde existe *"um laboratório ou clínica onde a natureza humana e os processos sociais podem ser estudados convenientemente e proveitosamente"*(53), de maneira racional e lógica, a cidade é analisada como tendo um funcionamento a semelhança de qualquer organismo.

Sob essa ótica é que entende-se o destaque dado em algumas ocasiões nos telejornais quando tratam a cidade como

52) Robert Park. "A cidade: sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano" in O Fenômeno Urbano, pg. 26/27.

53) Idem, pg. 67.

um organismo que tem sentimentos e cores. A cor da cidade de São Paulo, por exemplo, é a cinza.

Vários fatos, nos telejornais, justificam essa cor. É cinza pela poluição, falta de áreas verdes, pelas chuvas, pelos prédios deteriorados, pelo tempo e ausência de manutenção. Todas essas informações sempre surgem quando se quer dar destaque a algumas ações individuais ou casos excepcionais : é o criador de borboletas, ou uma ave rara que faz ninho no coração de São Paulo. A cidade cinza é ainda, um ser desprotegido: as administrações municipais e Estado não têm cuidado bem , deixando muito de seus equipamentos (marginais, estradas, sistema de captação de água, prédios históricos, etc) sem manutenção, o que provoca acidentes, mortes, catástrofes. Tudo é obrigação do Estado (não importa a que nível- federal, estadual ou municipal).

Não se fala da participação popular, já que a cidade não é vista pela tv como produto e produtora de relações sociais. Quem urbaniza a cidade, no destaque dado pela a imprensa, é o Estado e a ele cabe a sua manutenção, como se a cidade fosse uma máquina.

O Estado aparece como a peça chave na gestão da cidade. Além de ser o administrador, responsável, ele é apresentado como o organizador e gerenciador da cidade, como se os habitantes nada tivessem a ver com esse processo. O Estado não é, segundo a ótica das reportagens, apenas o responsável pela criação e manutenção da pavimentação das ruas, canalização e limpeza de córregos, sistema de

eletrificação, meios de transporte coletivo (ônibus, metro, trem); ele é o criador de toda a cidade, deslocando-se o sujeito e ocultando-se o papel do cidadão e da sociedade na produção do mundo sensível.

Neste sentido a cidade é exterior à vida, é apenas o palco dos acontecimentos e o "set" onde realizam-se os fatos. Raramente cidade/sociedade articulam-se, e mesmo quando isso ocorre, o habitante é tutelado. Numa reportagem sobre o bairro do Bixiga(15/12/90), depois de uma rápida e formal caracterização a partir do ponto de vista da origem do morador, afirmava-se que no bairro, que já havia sido, inicialmente, moradia de negros, seguidos dos italianos e agora dos nordestinos, estaria realizando-se em 1990 um concurso de projetos para reurbanizar e revitalizar o mesmo, no qual os moradores, através de uma votação, teriam, por cessão da atual administração municipal, o direito de interferir e opinar na paisagem do bairro, apreciando o projeto de reurbanização que mais lhes agradasse. Passava-se a idéia de que os moradores nunca interferiram na paisagem do bairro, como se todo o bairro tivesse sido construído por algum governo e as pessoas, negros, italianos e nordestinos, simplesmente se limitassem a ocupar as casas enquanto um grupo homogêneo, uma produção sem sujeitos.

Além desse tipo de "interferência" por permissão do Estado, a outra forma de "participação" popular se dá por cobrança "cívica". A população é convocada a alguma ação. Foi o caso ocorrido no interior quando da epidemia de

dengue. Primeiramente foi feito um apelo à população atingida para que contribuíssem no combate a dengue, que se alastrava no interior: "A luta não é só do governo; a população tem que colaborar", dizia o apresentador Carlos Nascimento. Posteriormente esses habitantes foram ameaçados com multas caso não colaborassem.

Viver nessa cidade, veiculada pelo telejornal como cinza, violenta, agitada, poluída, mal administrada deve ser horrível. Com grande estardalhaço, ao se aproximarem as festas do fim de ano ou feriados prolongados, o telejornal registra e dá destaque ao que ele chama de "fuga" da cidade. É como se a cidade de São Paulo não fosse um lugar para se morar, mas sim apenas o lugar do trabalho. É a separação entre tempos e usos imposta pelo capitalismo que seleciona espaços para usos determinados, portanto, fragmentados. Viver aqui parece um suplício, visto que apesar de ser uma metrópole, ao menos nos dois telejornais analisados, nunca se fala do que acontece em São Paulo em termos culturais. Há poucas e raras informações sobre shows, cinemas, teatros, casas de espetáculo, museus, festas. São Paulo parece não ter diversões a não ser a própria programação da emissora em questão. Com falta de opções o divertimento do paulistano parece estar em outras cidades (da baixada santista, do litoral norte, do interior do Estado, do sul do Brasil) nos quais sempre se "refugia", levando para as estradas os congestionamentos e as neuroses da grande cidade.

Mas por quê enfatizar tanto os malefícios da vida nas grandes cidades? Por quê não se discute a cidade enquanto lugar do encontro, da reprodução social?

Os telejornais têm tentado dissipar a consciência urbana e a estratégia para o alcance desse intento parece ser a de criar uma outra imagem da cidade, onde dissocia-se a idéia de produto, pois esta também é a mediação simultânea entre a chamada ordem próxima- relação entre indivíduos socialmente organizados- e a ordem distante " *regida por grandes e poderosas instituições (Igreja, Estado), por um código jurídico formalizado ou não, por uma "cultura" e por conjuntos significantes*"(54) . Por que modificá-la? Porque ela pode servir de reflexo e reflexão da sociedade. Mas até essa estratégia se revela contraditória. Na tentativa de destruir a cidade produto e a consciência urbana, também e ao mesmo tempo, ela se expande. Como isso acontece? Acreditamos que esse processo contraditório esteja ligado a difusão de idéias, mensagens e imagens mediadas pelos meios de comunicação. A implosão da cidade produto pelos meios de comunicação, paradoxalmente acaba por expandí-la.

Implosão já que ela ocorre de dentro da sociedade urbana para si mesma. Este processo, que é da sociedade urbana, não se prende a um determinado local. Tendencialmente ele espalha-se por todos os lugares. Mas a vida urbana que é cogitada nessa expansão " *só entra nas necessidades de marcha a ré, através da pobreza das*

54) H. Lefebvre. O direito à cidade, pg. 47.

*necessidades sociais da "sociedade socializada", através do consumo cotidiano e de seus próprios signos na publicidade, na moda, no estetismo"*(55). Com isto perde-se a consciência da produção da cidade e da intencionalidade, que no processo, como veremos, revela-se contraditória. Nessa produção de um lado temos presente a racionalidade burguesa(56), que tende a encarar o "caos" urbano como desordem e não como resultado da lógica de ocupação na produção do espaço, que ao mesmo tempo, acelera a concentração do capital. De outro lado temos uma classe, que nesse quadro, aparece cada vez mais destituída de riquezas e longe da apropriação da cidade. Estes, separados da consciência da produção da obra, só conseguem lutar pelo consumo.

Nesse consumo cotidiano *"a metrópole apresenta-se como a negação da cidade"*(57), enquanto lugar do encontro. *"O que está em jogo é a liquidação do indivíduo autônomo, sua dissolução, sua desindividualização na multidão da metrópole"*(58).

E assim como pudemos ver nos exemplos já citados nos telejornais , têm se dado destaque aos problemas e malefícios das grandes cidades não só do Brasil como do mundo. Assim violência, assassinatos, sequestros, assaltos, estupros, poluição, falta de verde, cinza; congestionamentos e perda de tempo; solidão. Essas são algumas das qualidades,

55) Idem, pg. 78.

56) Ibidem, pg. 20.

57) Olgária Matos. " A cidade e o tempo: algumas reflexões sobre a função social das lembranças" in Espaço e Debates 7. pg. 47.

58) Ibidem.

ou melhor, "desqualificações" atribuídas pela imprensa à cidade. Não que não sejam verdadeiras as informações. A cidade também comporta essa qualidade de vida. Mas ela não é só isso, como já foi mostrado. É também o centro da produção, do encontro, da vida urbana. Entretanto só as primeiras qualificações tem tido grande destaque e propagação sistemática.

Por outro lado, esse tipo de imagem da cidade, associada, principalmente, as metrópoles, ao mesmo tempo que tenta descaracterizá-la como produto social, divulgá-a para além dos limites da área metropolitana. Na fuga da cidade, os que podem pagar por isso tentam reconstruir em lugares privilegiados aquilo que lhes é vendido pela propaganda como a "melhor" maneira de morar. Nos limites da mancha urbana, mas próximos aos centros desta, criam-se lugares que imaginam estar em contato com a "natureza". Esta é a idéia que lhes é imputada pelos meios de comunicação de massa. Assim o "verde" existente nos limites da mancha urbana dá ao lugar a idéia nostálgica de volta a natureza primeira. Mas as "imagens" associadas a ela ficam por aí. As casas não são de pau-a-pique e nem recobertas por palha. O melhor da arquitetura e dos tipos de materiais compõem essas moradias, cujos proprietários pretendem estar o mais próximo possível da natureza. A água é encanada, de preferência retirada de um poço artesiano, construído por empresas especializadas. Luz de lampião, só se for para enfeite. Energia elétrica, antenas parabólicas e de tv dominam a paisagem. Mesmo fora

da cidade, ao que parece, o sentido da violência e da falta de segurança estão presentes. Modernos sistemas de segurança se estendem por toda parte, e são colocados em funcionamento. Para evitar locomoções desnecessárias, criam-se shoppings, escolas, clubes, ou nas imediações ou nos próprios empreendimentos. As vezes até centros empresariais-setor quaternário de preferência. Assim sai-se do "terror da grande cidade", mas não se privam do que a vida urbana pode lhes oferecer. Na associação do sonho do melhor morar com as aspirações do mercado imobiliário é que surgem em São Paulo empreendimentos imobiliários como Tamboré, Granja Viana e Alphaville. Esses loteamentos produzem-se enquanto parte do fenômeno típico do crescimento da metrópole, que produz a articulação carro-loteamento, segregando as classes de alto poder aquisitivo para a periferia da mancha urbana e isolando definitivamente o homem da cidade, eclipsando a rua e privatizando o uso. Dentro da lógica do mercado imobiliário, que precisa buscar áreas novas no limite da mancha, posto que a cidade não tem mais estoques de terras, produz-se uma ideologia capaz de vender o verde, o "rústico", o natural.

Ao consumirem essas imagens de lugares de morar veiculados pela publicidade, criando-os, estão consumindo signos de poder, segurança, felicidade, riqueza, etc. "A produção desses signos se integra na produção global e

*desempenha papel integrador fundamental em relação às outras atividades produtivas ou organizadoras”(59) .*

Os telejornais divulgam essas idéias e ao destacarem o fenômeno da fuga da cidade como a solução encontrada para se livrar das situações vividas diariamente, acabam por reforçar a idéia de que os problemas existentes na cidade de São Paulo são resultado da pura e simples concentração populacional, o que aumenta o estigma contra os migrantes, que no senso comum são todos nordestinos. As notícias apresentadas sempre mostram como a cidade fica vazia (embora apenas 10% da população viaje) e como o ritmo muda: as ruas ficam tranquilas, não há congestionamentos, a poluição diminui, convidando aos que ficam a saírem de suas casas para "curtir" a tranquilidade da cidade.

Mas e para aqueles que não podem "fugir" da cidade? Para estes, nesta perspectiva, nada mais resta a não ser "sonhar" , ter a ilusão com esse tipo de vida e com a resignação de ter de ficar na grande cidade, que segundo a media, "não tem coração", e é repleta de problemas. Esse tipo de aspiração só tem sentido se considerarmos o fato de que nas ilusões é característico "o fato de derivarem de desejos humanos" e que no limite " as ilusões não precisam ser necessariamente falsas, ou seja, irrealizáveis ou em contradição com a realidade"(60) .

59) H. Lefebvre. O direito à cidade, pg. 62.

60) S. Freud. O futuro de uma ilusão in Os Pensadores, pg. 108.

Esses flashes da cidade, embora dissociados e independentes, também são faces da cidade. O que pode se perceber é que os telejornais se cercam de uma imagem de realidade e verdade. Nenhuma imagem é questionada. Mas poderia-se questionar por exemplo, o critério para a escolha das notícias.

A catástrofe vem em primeiro lugar. Notícias que chocam, que provocam admiração e espanto e ao mesmo tempo que revelam a impotência de todos frente ao fato consumado. Os incêndios, por exemplo, ainda provocam o fascínio pelo fogo e a dor pelas possíveis perdas materiais e humanas, além da cobrança por uma fiscalização mais rígida da administração municipal. Não cabe aos condôminos fazerem essas averiguações. A irresponsabilidade de todos é acobertada pela paternidade do Estado.

Mas há algumas notícias, que são diferentes, que raramente são anunciadas. São os casos das manifestações públicas, onde ruas, praças, prédios são tomados como forma de protesto. Por exemplo: No dia 15.03.91, na posse do governador eleito de São Paulo- Antônio Fleury Filho- uma grande manifestação de funcionários públicos em torno da Assembléia Legislativa, no Ibirapuera, ocorria no momento do juramento do novo governador, que ao sair foi aclamado com palavras não muito lisonjeiras. A posse foi destaque no telejornal desse dia, mas nenhuma palavra sobre o protesto foi mencionada. Para quem dele não participou, este fato sequer ocorreu. Mas nem todas as manifestações deixam de ser

mencionadas: marchas pela paz no Golfo, salve as baleias e a Mata Atlântica, costumam ter alguma força. A tomada de lugares públicos para esse tipo de expressão parece, aos olhos dos responsáveis pelas informações, não oferecerem riscos a ordem e ao poder.

O que perturba nesse levantamento é perceber que para a maior parte das pessoas as coisas só acontecem se passadas na tv, não importa em qual telejornal. Assim "a televisão permite aproximar-se da meta, que é ter de novo a totalidade do mundo sensível em uma imagem que alcança todos os órgãos, o sonho sem sonho; ao mesmo tempo permite introduzir furtivamente na duplicata do mundo aquilo que se considera adequado ao real"(61) .

Mas se de um lado a cidade é o lugar da aceitação, da imposição, baseando-se na rede informativa "em instituições legitimadas. Políticos e burocratas são tomados como "a cidade", "o estado", "o país". Povo, público, população: seus limites não aparecem, um serve de sinônimo do outro. Deixa-se a cargo dos informadores e da própria notícia determinar o que é público, o que é privado, o que é "cidade", o "país"(62) ; por outro lado é também protesto, embora a media nem sempre noticie. Reivindicações a problemas mais específicos que a afligem e a seus moradores, como protestos em praças públicas- Sé, República, Largo 13- em relação a atendimentos de necessidades específicas de

61) T. W. Adorno. Televisão, consciência e indústria cultural, pg. 346.

62) Dulcilia H.S. Buitoni. Jornalismo : o tecido e o acontecido in Revista USP 6, pg. 180.

bairros, greves setoriais, apelos políticos acontecem e reúnem milhares de manifestantes. Nesses momentos a centralidade da cidade, ou sua policentralidade existente são lembradas pelos cidadãos, que reconhecem na atração desses lugares o poder simbólico e político ao qual demonstram suas insatisfações e se afirmam enquanto cidadãos. Mas a centralidade da cidade nesse sentido, no caso da de São Paulo, é uma centralidade que ultrapassa os limites da cidade. Sé e República, e as vezes o próprio Palácio dos Bandeirantes, tornam-se lugares de protesto e manifestações públicas de trabalhadores rurais sem terras e metalúrgicos do ABC, como exemplo. Essa é a característica da metrópole paulista: ela não se restringe aos limites político-territoriais do município de São Paulo. Formalmente a área metropolitana de São Paulo engloba trinta e nove municípios vizinhos ao de São Paulo, mas seu poder de influência ultrapassa esses limites estendendo-se pelo Estado e País. Assim muitas vezes podemos ver as manifestações públicas no centro da cidade por movimentos organizados de não habitantes da metrópole, mas que dela fazem uso no sentido de denunciar publicamente fatos que precisam ser pensados e solucionados, como por exemplo a questão do julgamento de Chico Mendes- o problema das terras da fronteira agrícola do norte do país.

À essa apropriação, organizada ou não, consciente ou inconsciente, da cidade, por meio de seu centro, ruas, praças e prédios públicos surge a reação do Estado e das

classes empresariais no sentido de deter essa ocupação. A estratégia tem sido diluir a consciência da centralidade, fragmentando-a, diluindo-a e destruindo-a, enquanto modelo possível de cidade. *"A competitividade do capitalismo industrial projetando-se sobre a imagem cultural urbana descaracteriza a cidade enquanto espaço público, na medida em que lhe tira todo caráter próprio e declarado de expressão social através do espaço"*(63).

Se por um lado a tv tem servido a esse fim por outro tem aberto a possibilidade de mostrar algumas faces da cidade, não só a de São Paulo, como de grandes cidades mundiais (New York, Paris) que talvez muitos jamais sonhassem existir ou ver ao vivo. Apesar de não ser essa a proposta da TV nos telejornais ela acaba revelando um outro modo de viver, bastante dissociado da vida da maior parte das pessoas, uma outra forma de apropriação da cidade, por outras classes e assim (quem sabe) *"o viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e que não terá"*(64).

Essas "realidades", que podem ser encontradas nos telejornais que apresentam-se como uma proposta de mostrar a realidade como ela é, são reforçadas pelo seu oposto: pelas novelas, como veremos a seguir.

63) Lucrecia D.A. Ferrara. "As máscaras da cidade" in Revista USP, 5, pg. 8.

64) Italo Calvino. As cidades invisíveis, pg. 29.

## 2.2. As telenovelas: um conto de fadas moderno?

Contar histórias sempre fez parte da sociabilidade humana. De explicação do mundo a entretenimento de crianças e adultos esse ato representava uma maneira de se relacionar com o outro. Os "causos" do caipira; o Gênesis, o Êxodo na Bíblia; as lendas indígenas; as lendas urbanas; os contos de fadas para crianças; cada um com sua característica própria exige a atenção de pelo menos dois interlocutores: o que conta a história e o que ouve, pergunta, quer saber mais e mesmo quando sabe já a história, quer ouvir sua parte preferida. O que conta, muitas vezes, deixa em suspense a melhor parte, prometendo para o dia seguinte a conclusão ou o desenvolvimento da história. Na ação de contar histórias, mais do que entretenimento incute-se valores morais e religiosos, concepções de mundo e até "sonhos". Quantas meninas não esperam encontrar seu príncipe encantado? Quantos meninos não se imaginam heróis de capa e espada?

Mais do que sonhos, esse ato proporciona um relacionamento mais íntimo, de camaradagem, de carinho. Do ninar, do divertimento, a lembrança de tempos em nossas vidas mais remotos. O contar histórias remete a um momento mágico entre pessoas, onde até a supressão da realidade é

aceita, desde que justificada pelo tempo ( não raro essas histórias se remetem ao passado ou a um futuro distante) pela magia ou por fenômenos sobrenaturais e ou tecnológicos.

Mas o contar/ouvir histórias não se limita as crianças. Os adultos também se fascinam. Mesmo quando não o admitem, o demostram encarnando o narrador dessas histórias. Gesticulam, mudam de voz, fazem caretas. Viram o fantasma, a madrasta má da Cinderela, ou um dos ladrões de Ali Babá. Como adultos incorporam às histórias valores que permeiam suas vidas e que lhe parecem corretos, pois são a base de sua sociedade. Assim não raro as histórias tratavam de reis e rainhas e seus súditos pobres. Não se questionava a existência do rei, seu castelo, a hierarquia existente, mas sim a tirania, que em geral podia ser resolvida com a ascensão de um bom rei nas histórias. Essa, por exemplo, foi a temática da novela "Que rei sou eu"( horário das 19:00 horas), com uma audiência superior a 50% no ano de 1989, numa visão satirizada do Brasil da época, mas que terminava com um final feliz. E talvez fosse isso que fascinasse a todos : o final feliz!

O "foram felizes para sempre" não modifica a estrutura social existente, mas confere a essa uma capacidade de não ser tão ruim assim, ou seja, de que dentro dela existe a possibilidade de que tudo saia bem . É certo que nas histórias antes que isso aconteça é necessário que os bons sofram e consigam vencer o mal. Esse duelo entre o bem e o mal tem que existir, mas a eliminação do mal não

suprime o poder, a ordem social, somente os transferem para as mãos de alguém mais capacitado, generoso e bondoso. Em suma é essa a trama dos contos de fadas que ainda hoje se contam às crianças e que alguns ainda se dispõem a relatar.

Essa fórmula parece ter sido apropriada nos programas de entretenimento da tv : as novelas. Essas em média duram de seis a oito meses, com capítulos de cerca de uma hora de duração( incluídos os intervalos para anúncios de produtos-"os comerciais") e talvez seja essa a explicação para o fato da novela conseguir prender a atenção do telespectador por tanto tempo. Ela se parece com um conto de fadas, mas que envolve um relacionamento muito particular: ela suprime o relacionamento entre as pessoas, entre o que conta e o que ouve. Não que os telespectadores não se envolvam com o enredo. Eles envolvem-se sim- caso isso não acontecesse a novela sairia do ar mais cedo do que o previsto. Mas deixa de existir o contato com o outro. O "psiu", "fique quieto", "deixa eu assistir", tomam conta dos lares, minando o relacionamento entre a família, ao menos enquanto estão em frente a tv. A história do que aconteceu com a criança na escola, na rua, ou com a mãe ou o pai no trabalho ficam para mais tarde.

Na tv parte-se do pressuposto que diante de uma história a ser mostrada não existe o contador, o outro enquanto narrador. *"Por mais familiar que seja a palavra narrador, não será possível dizer que este nos pareça estar presente na sua atuação real. É alguém já distante de nós e*

*a distanciar-se mais e mais..*".(65) . O narrador desaparece não por causa do novo veículo, a tv, mas porque hoje, no mundo moderno, "*...as experiências perderam muito de seu valor*"(66) . Assim o narrador é substituído pela câmara de tv que consegue produzir o efeito contraditório e ilusório de ficção e realidade. Por um lado a novela é apresentada como ficção para o telespectador. Por outro, pela própria colocação dos atores no espetáculo, que jamais olham para a câmara ( e conseqüentemente para o espectador)induz a quem assiste, a considerar que o que acontece e é representado na tv aconteceria mesmo que a tv não estivesse ali.

Desse duplo efeito nasce a audiência da telenovela e qualquer quebra nesse equilíbrio pode gerar a perda da mesma. Foi o caso da vertiginosa queda, logo nos primeiros capítulos da novela de Gilberto Braga "O Dono do Mundo", com cerca de 36% de audiência segundo o IBOPE (1.424.000 de domicílios) quando a média esperada pela tv Glóbo ( emissora que leva ao ar as famosas novelas das oito e trinta) era de no mínimo 50% de audiência. De um lado ela quebra com o princípio básico do conto de fadas: afasta-se demasiadamente do cotidiano do universo das classes mais pobres e das aspirações que normalmente são levadas ao ar, ferindo a concepção da heroína pobre- esta é enganada, mas ao mesmo tempo parece deixar se enganar, o que para o público é imperdoável. Ao mesmo tempo isso parece irreal demais para ser acreditado- a mediação não foi feita pela variável

65) W. Benjamin. O Narrador, pg. 63.

66) Idem.

tempo, mundos fora da Terra ou magia (ela poderia ter sido enfeitiçada, estar sob o domínio de forças sobrenaturais) mas pelo dinheiro de um homem normal, que com ele pode tudo. Essa mediação, para a situação moral apresentada (sedução e virgindade) não foi aceita. Por outro lado talvez a tomada de consciência de que existe a mediação pelo dinheiro tenha ao mesmo tempo tornado tão real a situação, no sentido de que ela aconteceria mesmo que não fosse mostrada pela tv, que se tornou insustentável enquanto um programa de recreação e lazer- sentimento de que falta o encantamento e a supressão da realidade, pelo menos durante essa uma hora de apresentação diária.

Esse fenômeno por outro lado colocou à vista o novo tipo de relação que surge entre o telespectador e o apresentador da história, que no caso é uma coisa: a tv. Se com o contador de histórias o ouvinte pode querer ouvir a que mais lhe apetece, pedir para contar de novo a parte que mais gosta ou pular aquilo que na história não lhe agrada, a emissora de tv, por meio dos índices do IBOPE, pode a partir da rejeição ou aceitação de seu produto (a novela), exigir do autor toda uma reformulação da história ou dos personagens a fim de que se adequem as exigências do público. Embora a tv, enquanto um meio da indústria cultural, na realidade não proponha nada de novo ao público, adotando " *os meios de persuasão comercial, mas ao invés de dar ao público o que ele quer, sugere-lhe o que deve querer*

ou deve acreditar querer"(67) , muitas vezes os autores tentam fugir a esse esquema sendo rapidamente reintegrados. No 1º semestre de 1992 a Rede Globo, por exemplo, na tentativa de, retoricamente , democratizar o uso do veículo, divulgando que o telespectador teria a última decisão sobre o programa, no caso " Você decide", o que vemos é um programa onde a história é decidida pelos produtores e autores que criam dois finais para o enredo cabendo ao público escolher o final, mas a "escolha" restringe-se ao que é oferecido não podendo o público escolher algo diferente disso. Ilusoriamente passa-se a impressão de uma escolha popular, mas uma alternativa previamente já definida dentro do veículo.

É bom lembrar que por meio dos índices do IBOPE, as emissoras ganham ou perdem patrocinadores, aumentam ou diminuem o valor da venda dos segundos destinados a propaganda. Ao ser registrada, por exemplo, a queda da audiência da novela O Dono do Mundo ela foi reformulada no sentido de transformar a heroína : ela sofre, é enganada, perseguida, mas que por ser boa conseguirá se vingar e vencer no final da história, é claro.

Como nos contos de fadas, as novelas- além de prenderem a atenção, mexendo com os sentimentos, apelando para o lado sentimental das pessoas, recuperando de certa forma a questão do amor impossível que só dá certo nas histórias da "gata borralheira". Mas por esse caminho de

67) U. Eco. Apocalípticos e Integrados, pg. 347.

alguma maneira garante-se a sobrevivência do indivíduo por meio do sonho do amor: " a grande ameaça à sobrevivência do sujeito é a perda do amor, porque esta é a única garantia da não- agressão"(68) .

A fantasia com relação ao amor é princípio básico para qualquer enredo de novelas. E é isso, que ao menos declaram as pessoas que assistem as novelas. Através de entrevistas realizadas com pessoas de diversas classes sociais e enquetes realizadas pela tv Cultura SP, em seu programa Vitrine ( de abril a junho de 92 aos sábados das 20:30 às 21:30), na seção TeVendo, que procura dar o perfil dos espectadores da tv em São Paulo, foi possível perceber que apesar da programação de tv investir na fragmentação-efeito este incorporado ao ritmo das novelas e telejornais- muitos dos entrevistados afirmaram preferir as novelas cuja trama é mais simples e restrita a poucos personagens e histórias paralelas. Mas todos concordavam que as histórias tinham que falar de amor. Ou seja , deviam ser parecidas com os contos de fadas como a gata borralheira, Branca de Neve ou Bela Adormecida. Adorno comenta que " a retórica a respeito da realização das fantasias de contos de fada através da técnica moderna só deixa de sê-lo quando lhe acrescentamos a sabedoria dos contos de fada, de que a realização dos desejos raramente redundava para o bem de quem exprimiu o desejo. Formular desejos corretos é a arte mais difícil de todas, e somos desabitoados desde a

*infância*"(69), principalmente por termos perdido a capacidade de concentração e entendimento sobre os processos que nos afligem. As novelas não buscam o resgate do lado humano, embora isso perpassasse para os sentimentos. Seu papel primordial tem sido a conquista de telespectadores para o consumo.

Se isso era primordialmente feito durante os intervalos comerciais, que duravam em média três minutos e chegam a ter dez propagandas de trinta segundos que no horário nobre da Globo chegam a custar trinta mil dólares(70), hoje, principalmente devido a generalização do controle remoto pela classe média, com o qual o espectador nesse tempo dos comerciais dá uma visitada na programação das outras emissoras, e numa tentativa de atingir os que levantam na hora dos comerciais ou não prestam atenção; especificamente nas novelas, os produtos passam a ser incorporados na cena pelo autor. Assim não se bebe mais uma cerveja, mas uma Brahma ou Antártica; não se veste uma calça de brim, mas uma Onix; não se usa molho de tomate mas, Pomarola; não se dá um bichinho de pelúcia, mas um Lionela e nem se vai mais a um banco, mas se frequenta ou se é cliente do Itaú ou Bamerindus. Muitos mais exemplos poderiam ser lembrados, mas a idéia aqui é a de mostrar como se incorporou algo que era específico dos chamados "reclames" ou "comerciais" na própria programação que antes era o chamariz para as propagandas e hoje tornou-se a própria

69) T. Adorno. *Televisão...op.cit.* pg. 354.

70) Fonte: *Vitrine*. 27.06.92.

propaganda. É bom lembrar que o merchandising cobre 35% do custo total de uma novela (71). Assim durante a novela e nos chamados intervalos, anuncia-se quase tudo. Em uma tentativa de atingir principalmente as donas de casa, os produtos anunciados geralmente se detêm nas seguintes espécies: alimentos, produtos de limpeza, eletrodomésticos, vestuário, perfumaria e magazines. Produtos mais sofisticados como viagens em jatinhos, convênio saúde, imóveis, carros de luxo, aparecem mais durante os telejornais. Trata-se de uma questão de se atingir o público alvo. A tarde, por exemplo, os comerciais variam em torno de guloseimas e brinquedos.

Além da ordem "consume" enviada pela exposição dos produtos, a mesma ordem é enviada de maneira mais discreta, de certo modo dissimuladamente: comunica-se por meio das novelas a vida urbana, principalmente nas grandes cidades. Mas até que ponto isso difunde a idéia do consumo? E mais especificamente, que tipo de vida urbana é retratada? Que valores a ela são impingidos? Como fica a imagem da cidade apresentada na novela?

71) S. Giannini. Ligações milionárias, in Veja, 5jun91,pg.97

### 2.3 As imagens da cidade nas telenovelas

Na maior parte das novelas a cidade revela-se pelo estilo de vida de seus personagens que, de acordo com a classe social, consomem de maneira diferenciada objetos e lugares. Por exemplo: rico bebe whisky e o pobre cachaça. Mas a cena não é tão simples assim. O tomar whisky relaciona-se com uma mansão nos Jardins, ou um apartamento duplex ou cobertura na mesma região, ou ainda com a boate Galery, onde só entram sócios ou convidados de carteirinha (para obter essa "carteirinha" é necessário ser "alguém" na sociedade com dinheiro e poder). Já o pobre bebe cachaça no boteco ou em casa, no Belenzinho. Essas são as primeiras diferenciações: aquelas dos bairros. Existe uma particularidade em morar na Zona Leste de São Paulo (no caso no Belenzinho) ou na Zona Sul (Jardins) e Zona Oeste (Morumbi). Essa peculiaridade será marcada até o fim da novela Meu Bem Meu Mal, chegando mesmo a ouvir-se frases como : "Quem mora no Belenzinho é pobre" ou " Rico jamais moraria no Belenzinho". Quando centrada no Rio de Janeiro, as mensagens também não são diferentes: existem os que moram na Zona Norte e os da Zonal Sul, e faz diferença para os personagens viver em uma ou outra área. Respectivamente uma é marcada pela pobreza e a outra pela riqueza. É como se nos

lugares (mostrados pela novela) houvesse uma "homogeneidade" de padrões de vida, mas a partir da dicotomia, pobre e rico.

Essa idéia de homogeneidade, de certa maneira, reforça o conceito de racionalidade e gerenciamento presentes no mundo moderno e nas grandes cidades. Divulga-se assim a noção de espaço da modernidade como sendo aquele cujas características são a homogeneidade, a fragmentação e a hierarquização. Assim racionaliza-se também a produção de elementos e materiais necessários, por exemplo, à moradia. Paradoxalmente, o espaço homogêneo também se fragmenta em lotes, parcelas, guetos, justamente por serem hierarquizados. Sob o aspecto da racionalidade tentam esconder os conflitos separando, em lugares distintos, classes antagônicas ( como se entre elas também existisse uma homogeneidade)(72) .

Voltando aos exemplos da novela Meu Bem Meu Mal, esta passa a impressão de que na Zona Sul só há ricos- embora lá, na realidade, ao lado das mansões e condomínios de alto padrão, existam favelas e áreas sem a mínima infraestrutura- enquanto que na Zona Leste só pobres ( mas esquece-se das áreas nobres do Tatuapé e Mooca, por exemplo). Tenta-se passar a idéia da cidade do Rio de Janeiro e de São Paulo como grandes cidades formadas de várias cidades, contidas dentro de si mesma, com mundos totalmente diferentes, difíceis de se imaginar como fazendo

72) Ver H. Lefbvre, La production de l'espace.

parte de um todo, difíceis de se pensar como integrados, como elementos de uma mesma realidade.

A relação entre esses mundos diferenciados e opostos retratados pelas novelas dá-se quase exclusivamente por meio de indivíduos de classes sociais diferentes que se apaixonam e daí envolvem uma série de outros personagens, tornando mais simples o contato e o relacionamento entre os grupos. Assim, por exemplo, a mãe da mocinha pobre entra pela porta da frente como convidada de honra em uma festa ocorrida na cobertura de um prédio da Av. Atlântica no Rio. No fundo é a velha história da Cinderela onde os conflitos entre as classes sociais desaparecem pela força do amor e nunca pelo confronto direto de uns com os outros. Esfuma-se dessa maneira a luta de classes, a segregação das áreas da cidade, a hierarquia, o poder e as relações de dominação-subjugação.

Mas além dessa visão parcelar da cidade (dos diferentes mundos) descrita nas novelas, a cidade, enquanto conceito, aparece sempre como algo genérico e sua caracterização, via de regra, é sempre a mesma não importa se se trata do Rio de Janeiro ou de São Paulo: ela é violenta, perigosa- principalmente de noite- grande, movimentada, populosa, poluída, com a miséria e os miseráveis espalhados pelas esquinas e faróis, com seus intermináveis congestionamentos. E é essa cidade mais genérica que sempre é comparada com Nova York (EUA) ou Paris (França). Em comum elas têm a característica de serem

metrópoles. A grande diferença é ser metrópole de que tipo de país (centro ou centro da periferia do mundo). Invariavelmente, na comparação (sempre feita por personagens pertencentes as elites) as metrópoles brasileiras sempre perdem em requinte, fascínio, lazeres, pessoas interessantes, cultura, para metrópoles como N.York ou Paris. Nessas até a miséria e a pobreza é constatada com nostalgia, como se os mendigos de N. York por exemplo, já fizessem parte da paisagem novaiorquina e possuíssem até um certo charme. Esse tipo de visão romântica da pobreza dos outros, por um lado generaliza a crença de que a pobreza é algo normal, que sempre existiu, nunca é vista como resultado da exploração de uma massa de trabalhadores; por outro confere a mesma um aspecto de liberdade, aventura e emoção para os pobres das metrópoles americanas ou francesa. Aqui, em São Paulo ou Rio de Janeiro, a pobreza parece ser, de acordo com falas e discursos proferidos na telenovela por personagens das diferentes classes sociais, consequência do não planejamento familiar, ou seja, o problema é o número de pessoas da família, reforçando a concepção neo-malthusiana de que os problemas da miséria e pobreza são exclusivamente de ordem numérica.

Pobreza e riqueza assim trabalhadas na novela expressam uma dicotomia, sugerindo ou reforçando a idéia anterior de duas cidades, da homogeneidade contida em cada uma e não um todo, uma só cidade contraditoriamente articulada. Mais uma vez a racionalidade se impõe.

Temos ainda nessas novelas as imagens, sem falas, das grandes cidades. Desvinculadas de qualquer ação essas imagens oferecem ao telespectador visões panorâmicas do Rio (Corcovado e Pão de Açúcar) e São Paulo (Av. Paulista, Centro de São Paulo, Ibirapuera), reforçando para o senso comum os lugares apontados pelas pessoas e media como "símbolos" da cidade. O Corcovado, por exemplo, revela a face mais conhecida do Rio Turístico. Já a Av. Paulista foi eleita pelos paulistanos em 1990 como o símbolo da cidade. De qualquer maneira essas imagens servem de referência para o espectador, que por meio delas pode se situar, bastando que para isso nas novelas sejam apresentados os pontos/imagens de referência- no caso o Corcovado e a Paulista.

E talvez sejam essas imagens que se vislumbra a virtualidade. No mundo hoje a maior parte das imagens não tem referentes, nem significados. O mundo foi desencantado pela racionalidade. O que temos parece ser *"um mundo sem homens e sem deuses é um mundo onde as imagens se espalham sem a garantia dos princípios lógicos da identidade, da não contradição e do terceiro excluído - que definem um princípio da razão suficiente"*(73). Nesse sentido de alguma maneira Paulista e Corcovado recuperam, ao menos parcialmente, a simbologia da cidade, os pontos de referência de seus habitantes.

73) Olgária Matos. Imagens sem objeto, in, Rede Imaginária, pg. 16.

Dentro desse panorama vejamos como se relacionam os personagens e lugares nas diversas faces da cidade mostrada pelas telenovelas, apontando para a cidade dicotômica.

### 2.3.1. O bairro dos pobres

Em primeiro lugar é preciso deixar claro que o "pobre" que aparece como personagem dos dramas e conflitos se situa acima da média brasileira. Em geral os personagens incluídos nessa categoria são trabalhadores- boa parte deles é autônoma ( motorista de taxi, vendedora ambulante, costureira, manicure), possuem casa própria ou pelo menos conseguem pagar baixos aluguéis em vilas onde residem há décadas e todos têm raízes. Possuem tv, geladeira, rádio, fogão e as vezes até telefone. O que na realidade se faz é apresentar a classe trabalhadora " como caricatura. O que se projeta como autêntico são os valores da burguesia, que passa para a classe trabalhadora a mensagem de que é preciso aprender a viver vendo, sem pretender ser... o trabalhador não é analisado na televisão... O autor do texto de telenovela no Brasil é também parte de uma elite, de uma classe média, e como tal acaba por refletir seus próprios

valores"(74) . Esse é o "pobre" apresentado pelas telenovelas e assim não fica difícil aceitar que esse tipo de personagem já conheça em geral alguém da alta roda, principalmente por já terem prestado algum tipo de serviço a esse outro tipo de personagem ou por se envolverem em casos amorosos. Sofrem bastante mas conseguem oferecer aos filhos uma educação assentada sobre rígidos valores ( o que muitas vezes acaba por conferir aos pais a qualidade de antiquados), onde o ensino escolar é super valorizado, almejando para os filhos o curso superior . De um lado os pais ainda acreditam, ou ao menos parecem acreditar, na escola enquanto uma escada que permite as pessoas subirem na vida, mudarem de posição social, conseguir bons empregos e salários melhores. De outro os filhos, que por já terem freqüentado essa instituição percebem que na maioria das vezes a escola desmente todas as suas promessas(75) .

A primeira caracterização feita nas novelas se refere as moradias de seus personagens. A sua importância não diz respeito apenas aos cuidados com os cenários. O morar na cidade explicita várias das características do modo de vida urbano nas cidades.

A cidade enquanto produto do trabalho humano se constrói, construindo e sendo construção também da imagem possível da cidade. Como tal essa cidade real, que possui uma imagem, deve cumprir uma série de papeis a que lhe é

74) Citado por Mattelart. A telenovela faz 20 anos in O carnaval das imagens , pg. 113/114.

75) C. Ceccon e outros. A vida na escola e a escola da vida.

atribuída. Atendendo a uma primeira necessidade básica a cidade, na sua dimensão espacial, é a moradia dos cidadãos. Mas morar na cidade, principalmente nas grandes cidades capitalistas, não é mais participar da vida social da cidade como outrora acontecia. Hoje parece ser característica da sociedade uma apatia, e as vezes até mesmo uma ausência na participação na gestão da cidade. Morar hoje se traduz pelo acesso a propriedade, por via de compra ou aluguel. Isso é que é o morar - possuir um teto, ter um endereço - , o pressuposto para a participação da vida social. Embora pareça democrático, esse processo de acesso a uma possível cidadania é tirânico. De um lado exclui uma parcela da população a esse morar, por estarem totalmente fora do sistema produtivo - os miseráveis. De outro na prática diferencia os que moram dos que moram bem e daqueles que não moram.

Entretanto o que vem a ser morar e morar bem na cidade? Afora o acesso a alguma forma de habitação, os dois termos em muito se distanciam. "Morar bem" na cidade é também ter ao alcance os serviços dos quais o sistema produtivo cria e se utiliza para que o processo de produção seja completo como: saneamento básico (água, luz, esgoto, gás, etc), malha viária e sistema de transportes (coletivos e particulares), as escolas - necessárias na formação do cidadão, rede de informação - telefonia, sistemas de rádio e tv, -, a serviços médicos, a segurança - prevenção e ação -, ao lazer - parques, teatros, cinemas, museus, etc -, e o

comércio. Morar bem sempre envolveu a questão da cidadania e da centralidade. Não necessariamente de um centro da cidade, mas de vários centros na cidade que possam, de alguma forma, oferecer e servir a seus moradores. Em São Paulo por exemplo, esse tipo de lugar pode ser encontrado em áreas como os Jardins, em algumas áreas do centro da cidade ou mesmo fora de seus limites, em empreendimentos privados de alto padrão que possuem todos esses equipamentos, como Alphaville ou Tamboré.

Mas existe a outra forma de morar na cidade. Nessa outra forma tem-se acesso escasso a alguns produtos da cidade. São áreas onde os sistemas de transporte coletivo funcionam precariamente; saneamento básico nem sempre é presente: a luz elétrica é mais comum; já o sistema de abastecimento de água é limitado; o esgoto então, é praticamente inexistente. Correspondem geralmente as áreas mais periféricas do território da cidade. Mas o apenas "morar" não se limita a esses locais. Encontram-se por toda cidade, inclusive no centro- no caso os cortiços. O consumo dos bens públicos se dá por pagamento e nem todos podem pagar mesmo com a proximidade do bem. Deste ponto de vista todos os personagens da novela ao menos moram.

Os personagens dessa categoria "pobres da novela" moram sempre em bairros classificados pelos autores como populares. Nesses bairros, onde todos se conhecem, as casas em geral são térreas ( raramente aparecem sobrados), simples, dotadas ao menos de quarto, sala, cozinha e

banheiro. Nessas casas há um entra e sai constante de moradores, vizinhos e amigos. A porta parece que nunca é trancada, sendo possível entrar nessas casas a qualquer hora do dia ou da noite, com ou sem proprietário, como se não houvesse aí problemas de segurança. É como se todos fossem vigias uns das casas dos outros, o que nas novelas não deixa de ser um fato reforçado. Os vizinhos vigiam não apenas as casas como as vidas de seus amigos, o que muitas vezes, de zelo, cai no bisbilhotar e fofoca. A analogia que se pode fazer dessa imagem criada do bairro popular- Belenzinho em São Paulo, "Glória no Rio- é que este aparece como a versão da pequena cidade do interior em uma metrópole.

Por exemplo. Na vila do bairro da Glória, no Rio de Janeiro, retratada na novela, o viver na vila reforçava por um lado o esteriótipo da "vila" como uma cidade de interior incrustada na grande cidade, tendo como característica básica o vigiar, a fofoca, a não privacidade. O que a diferencia especialmente da visão que na tv se passa de pequena cidade, além das dimensões é o não possuir a Igreja matriz no centro da cidade (como por exemplo a que existiu na novela Roque Santeiro) em uma praça onde todos se encontram, nem prefeitura e outros órgãos administrativos instalados. Mas o "tipo" de vida existente parece ser igual, na medida que nessa vila os valores morais parecem atrelados a tradição e onde jovens com idéias mais liberais se sentem acuados, não restando muita alternativa a não ser a mudança para obter a independência do lugar. Já para as crianças o

lugar apresenta-se como um paraíso seguro, garantia das brincadeiras na rua da vila durante o dia, a possibilidade de brincadeiras de roda a noite sob o olhar vigilante de todos.

Na vila todos trabalham. São marreteiros, professores, costureiras, donos de pequenos estabelecimentos comerciais. A maior parte apesar disso encontra dificuldades em pagar suas dívidas. De certa maneira espelham a realidade econômica brasileira- e por isso todos de algum modo tem ligações diretas com a feira de ambulantes diária que acontece nas proximidades da vila. Assim a costureira, apesar de costurar para fora, também vende seus produtos do mesmo modo que a marreteira oficial vende panelas. Até um artista resolve complementar seus vencimentos pintando retratos na feira.

A feira dos ambulantes é apresentada como algo alegre, colorido, onde todos se ajudam mutuamente, fazem trovas para conquistar clientes, tomam conta uns das barracas dos outros em caso de necessidade. Sempre lotada e com uma multiplicidade de produtos a oferecer, ela revive o clima de encontro, trocas de mercadorias e relações das praças de cidades como Nápoles, pelo menos da Nápoles descrita por Walter Benjamin, onde pobreza material é o contraponto da riqueza de relações(76) .

A pobreza descrita na novela parece se fundamentar nos valores do campo. Assim da mesma maneira que o caipira

76) W. Benjamin. Imagens do Pensamento in Obras Escolhidas , II.

Paulista a hospitalidade entre os moradores e os "estranhos" é marcada pelo acolhimento e oferta de comida simples mas boa, sua melhor e talvez única riqueza(77) . Ainda para realçar esse clima de conhecimento e confiança, as portas de todas as casas parecem não possuir chaves. Todos frequentam a casa uns dos outros, entram mesmo com a ausência do morador ou com este dormindo. Isso a qualquer hora do dia ou da noite. A vida urbana, designada no bairro, recupera "as mediações originais entre a cidade, o campo, a natureza"(78).

As festas também são motivo de agitação da vila. Noivados e casamentos são comemorações de que todos participam inclusive da questão financeira ( o bancar a festa, passar o chapéu, fazer vaquinha). É claro que nessas ocasiões nem tudo se dá de maneira harmônica. Há sempre um torcendo contra, fazendo comentários maldosos.

A fofoca não se apoia no "ouvi dizer" mas no "vi pela janela". Encontros fortuitos na rua, o entrar a altas horas na casa do amante ou vice-versa, são registrados sorrateiramente pelas frestas das janelas ou pela cortina entreaberta. De qualquer maneira a "janela" faz a mediação entre o interior e o exterior dos lares.

Na vila existe ainda as lideranças. Desta maneira todos sabem onde fica a casa dos personagens Genu, Tulio, a pensão do Urbano e o bar do Calixto. Há vários outros personagens importantes, mas os citados e que realmente

77) Antônio Candido. Os parceiros do Rio Bonito.

78) H. Lefebvre. O Direito à cidade, pg. 66.

podem ser considerados lideranças na vila, ou então mediadores, como conceitua Santos(79) , no sentido de terem trânsito, serem negociadores das relações. As casas , o bar do Calixto e a feira de ambulantes são os lugares onde ocorre a maior parte dessas relações.

No fundo a vila, na versão da novela, apresenta-se positivamente como um porto seguro frente ao "caos" aparente da metrópole do Rio de Janeiro, retratada na maior parte das vezes ou pelas belezas naturais- a baía da Guanabara, o mar- ou pela violência urbana marcada pelo medo, assaltos, sequestros, congestionamentos, acidentes de trânsito. Sua negatividade é o seu próprio provincianismo, com todos os mecanismos de controle social.

Essa visão de bairro popular retratada na novela é imaginária, produto de várias inter-relações entre os que produzem esse tipo de entretenimento popular. Nesse sentido o bairro do Belenzinho, por exemplo, da novela Meu Bem Meu Mal, não é o Belenzinho real, embora possua realmente alguns aspectos desse real. O Belenzinho imaginário é resultado da concepção do autor, interpretada de maneira diferenciada pelo cenógrafo e pelo diretor. De cada uma das versões parcelares interrelacionadas surge o Belenzinho a princípio como "cenário", palco das ações dos atores. Mas é no desenrolar das cenas que se pode observar que aos poucos ele deixa de ser só palco, interferindo na concepção do que seja viver em uma grande cidade. Nesse sentido talvez seja

79) Carlos N. dos Santos. Quando a rua vira casa, pg. 87.

importante aqui realçar a importância do bairro nas novelas. Os bairros populares que aparecem- apesar de todos os problemas que enfrentam, como falta de saneamento básico (os personagens reclamam da falta de água), dificuldade com transporte (número de conduções que têm de tomar para chegar ao trabalho) e com o encontrar um emprego- trazem uma recuperação, até saudosista, do que de melhor havia nos bairros das grandes cidades de tempos passados: o encontro, o contato com o outro, a vida mais comunitária, as relações interpessoais. Além disso, mesmo que sem o entendimento de que cria esses bairros-cenários, estes acabam por se constituírem em uma oposição aos centros estáveis das grandes cidades, tornando-se o bairro uma centralidade móvel, tão cheia de vida, de relações e de encontros, e nesse sentido original.

Essa riqueza, que aparece nos bairros dos pobres das novelas, recupera a personalidade, o ser alguém, reconhecido socialmente, que parecia não ter mais vez na metrópole onde a tendência que predomina é justamente a oposta: a do anonimato. No bairro o personagem, que em outras esferas não é ninguém, sente-se em casa, ou seja, ele recria no bairro a familiaridade que parecia restrita ao domínio da casa, do particular. Assim ele (personagem) deixa de ser o agente passivo, imponente frente a planos econômicos, crises (brasileira e mundial), para atuar e provocar conflitos e transformações, mesmo que isso seja de alcance restrito, em nível local. Desta maneira problemas

cotidianos são debatidos nos principais lugares de encontro do bairro e onde existem pessoas reconhecidas comunitariamente como mediadores capazes de interferir nos conflitos. Daí a importância da Igreja e do padre, do buteco e seu proprietário, da pensão e respectiva dona, da quitanda e do quitandeiro, da feira livre e dos ambulantes.

Esses pequenos flashes de lugares de encontro no bairro de certa maneira quebram também com a idéia da pretensa racionalidade e funcionabilidade do mundo moderno, embora na novela o que seria "espontâneo" seja um "arquétipo" e nesse sentido, reforça a tendência a modernidade, do viver pelo espelho do outro, retirando a possibilidade da transformação presente no indivíduo, enquanto ser da sociedade.

No nível espacial, esses bairros escapam a racionalização moderna. A Igreja, por exemplo, não é apenas o lugar onde se realiza um culto religioso: Diga-se de passagem, de todas as vezes em que ela foi focalizada, em apenas uma se rezava uma missa. Em geral a Igreja aparecia como o lugar do debate, principalmente envolvendo vizinhos pouco amistosos, da festa comunitária, da reunião de vizinhos- tanto para discutir problemas do bairro como para confraternização. De qualquer maneira ela não possuía uma única função, mas várias, que por outro lado também estavam presentes em outros locais. Essa diversidade de relações entre pessoas e lugares, nas novelas, parece só existir no mundo dos pobres, cujos personagens recriam lugares de lazer

e convivência, apropriando-se de áreas públicas criadas para outros fins. Assim, por exemplo, a rua, que é o lugar de circulação, vira também pista de bicicletas de crianças, campo de futebol; sobre as calçadas velhinhas levam seus cachorros a passear e conversam animadamente; velhos, alguns aposentados, colocam suas cadeiras nas calçadas no final da tarde para jogar dominó ou carterado, o que também pode ocorrer no bar do bairro ou rua; crianças ficam até altas horas na rua brincando. Essa série de cenas, por outro lado, revela que o bairro e a rua são praticamente do domínio de velhos e crianças. Mas onde estarão os jovens e adultos? Estes parecem só dormir no bairro. Na maior parte das vezes trabalham como secretárias, publicitários, desenhistas, vendedores, boys, nos chamados "centros" de atividades do setor terciário- Av. Paulista, Faria Lima ( em São Paulo) ou em algum shopping da cidade ( em geral o Iguatemi), aparecendo como pessoas modernas, mundanas, que aparecem em lugares da cidade considerados modernos, tanto no sentido de equipamentos, arquitetura, como no modo de vida, com um ritmo acelerado presentes na Av. Paulista e Av. Faria Lima.

Mas o que entender por pessoas modernas? O que é ser moderno? Quais as características desses lugares "modernos"?

Segundo Berman *"ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição"*, é também *"encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, auto-transformação e transformação das coisas em redor- mas*

ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos"(80). O autor nos fala do moderno enquanto relações sociais, onde trava-se uma luta entre o desejo de mudança e seu medo, quando esta se aproxima, quando então o desejo é da manutenção da antiga ordem.

Essa talvez possa ser uma primeira aproximação do conceito de moderno, mas não é a única. O moderno traz à discussão do que seria o seu contrário "o velho e atrasado". O problema está em definir o que é novo e o que é antigo e até que ponto o "antigo" interfere e marca a construção do novo: "*a modernidade caracteriza uma época; caracteriza simultaneamente a força que age nesta época e que faz com que ela seja parecida com a antiguidade*"(81).

Mas o que é esse novo que tanto marca o moderno? Esse novo pode ser uma nova ordem social cunhada por uma extrema divisão de trabalho, pela aplicação maciça de técnicas de produção, pela disseminação da urbanização e industrialização, desenvolvimento dos mercados, pela vinculação da ciência ao processo produtivo, pela aparente (talvez até real) mudança de valores, mas que ao mesmo tempo abre uma abundância de possibilidades.

Filosoficamente, segundo Lefebvre(82) o mundo moderno seria assinalado pela importância do saber e poder do Estado (em Hegel), pelo conjunto de fatos históricos- que teriam culminado por uma nova organização social do trabalho

80) M. Berman. Tudo que é sólido desmancha no ar, pg. 13.

81) W. Benjamin. A modernidade e os modernos, pg. 17.

82) H. Lefebvre. Hegel, Marx, Nietzsche.

(em Marx) e pela ação, dentro de toda a racionalidade científica, do acaso- expresso enquanto necessidade não prevista racionalmente, mas movida pela vontade do poder (em Nietzsche). O mundo moderno seria nesse sentido marcado pela extrema racionalidade, cientificidade e controle, onde até mesmo as "aventuras" tenderiam a serem apropriadas pelo mercado.

Essa pequena introdução ao mundo moderno foi necessária para que se pudesse entender melhor outros termos associados ao de moderno e que muitas vezes são utilizados como sinônimos: modernidade, modernização e modernismo.

Embora indissociáveis, cada um deles têm características próprias. Segundo Lefebvre a modernidade seria *"uma reflexão principiante, um esboço mais ou menos adiantado de crítica e autocrítica, numa tentativa de conhecimento..."* seria ainda *"um conceito em via de formulação na sociedade"*(83), marcada principalmente pela interrogação e reflexão crítica. O modernismo consistiria em *"fenômenos de consciência, em imagens e projeções de si, em exaltações feitas de muitas ilusões e de um pouco de perspicácia"*(84). Enquanto expressão de uma certeza pessoal, o modernismo está ligado a chamada "arte moderna". Já a modernização estaria relacionada com as técnicas de produção e reprodução material e social.

A noção mais difundida de modernidade, que Berman não aceita, mas que também não a descarta, é de que ela

83) H. Lefebvre. Introdução a Modernidade, pg 4.

84) Idem.

seria "constituída por suas máquinas, das quais os homens e mulheres modernos não passam de reproduções mecânicas"(85). Reduzir a modernidade a noção de modernização é no fundo uma estratégia de dominação e gerenciamento da sociedade moderna, a chamada sociedade burocrática de consumo dirigido, segundo H. Lefebvre.

Esta estratégia parece estar baseada na característica que marca o modo de vida da maior parte da população: o urbano. O urbano aqui não pode ser confundido com a industrialização, embora caminhem juntos. "É a vida urbana que dá o sentido da industrialização, a que a contem como segundo aspecto do processo"(86). Ela ainda é responsável pela construção da própria sociedade urbana. É o construir se construindo.

Esse entendimento de modernidade ao mesmo tempo que abre a possibilidade, principalmente para os jovens da novela a um número quase ilimitado de vivências, situações e práticas, por outro lado como veremos, muitas vezes incute as noções de promiscuidade social e delinquência como situações normais. No fundo, a maior parte dos jovens nas novelas, justificam os fins pelos meios e assim todos se tornam delinquentes. A sociedade moderna aparece como promiscua e delinquente, onde há uma tendência a padronização e uniformização dos padrões de cultura e gosto.

Na contraposição ao binômio jovem/cidade moderna é colocado velhos e crianças/bairro popular.

85) M. Berman. Tudo que...op.cit. pg. 28

86) H. Lefebvre. La vida...op. cit. pg. 64.

Em última instância o bairro "popular" descrito nas novelas carrega, em seu entendimento, noções muito parecidas às concepções dos bairros, que tinham a dimensão de palco onde os acontecimentos ocorriam, pelos geógrafos brasileiros das décadas de 50-70. Os bairros, que devido as suas características de serem áreas de expansão da cidade, geralmente localizados nas periferias da mancha urbana da época, eram denominados por subúrbios, por serem marcados, segundo Soares, pela ausência ou precariedade de melhoramentos, sendo mesmo considerados "*zonas distantes do centro, com povoamento bem menos denso que o deste, e dotado de amplos espaços vazios ou ocupados por jardins, pomares ou hortas*" ou ainda em segundo o conteúdo tradicional da palavra subúrbio "*...seus moradores, em sua grande maioria, pertencem a populações menos favorecidas de meios de fortuna...dependentes e com relações íntimas e freqüentes com a área central da cidade*"(87), e ainda, nasciam, segundo Penteado, como expansão da cidade devido ao processo de industrialização(88). Pasquale Petrone chega mesmo a colocar que a indústria teve forte repercussão no aglomerado e "*bairros como Brás, Bom Retiro, Móoca, Água Branca, já eram industriais; o operariado tornou-se uma parte considerável da população urbana*"(89). Deste modo os bairros

87) M. T. de Segada Soares. " Divisões principais e limites externos no Grande Rio de Janeiro" in Anais da AGB, vol. XII pg. 198 e seg.

88) Antonio R. Penteado. "A área suburbana de São Paulo e sua caracterização" in Anais da AGB, vol.XII, pg. 209 e seg.

89) Pasquale Petrone. "As indústrias paulistanas e os fatores de sua expansão" in BPG, 14, pg. 32.

representam em um determinado momento da produção da grande cidade como uma das características espaciais modernas, pois tinham como especificidade serem comuns nas grandes cidades, resultantes da expansão do processo industrial, que acabam por marcar os bairros pela função industrial e/ou residencial. Assim *"escalonam-se em face da condição financeira de seus habitantes em bairros ricos, médios e pobres, até favelas, mocambos ou cortiços"* refletindo a dualidade que antes, nas áreas rurais, apareciam como casa-grande/senzala, e que nas grandes cidades surgem como "arranha-céus/favelas ou ainda "vilas/cortiços"(90).

Assim o que outrora marcava o processo de modernização das cidades como São Paulo e Rio de Janeiro- o processo de expansão industrial-, fazendo surgir os bairros industriais/dormitórios, hoje é suplantado pelos lugares modernos nas cidades, cujas características são: a difusão e tecnologização dos serviços, a especificidade e monumentalidade dos lugares criados exclusivamente para o consumo. Se podemos falar em dualidade, diríamos que hoje ela, especialmente, é marcada pelo binômio "metrópole/bairro".

A idéia aqui não foi desenvolver uma apologia do bairro popular nas novelas, mas procurar nas imagens oferecidas, o virtual, que aparece discretamente enquanto possibilidade de transformação da concepção de bairro. É claro que ao lado dessas imagens outras tendem a justificar

90) Pasquale Petrone. " Notas sobre o fenômeno urbano no Brasil" in Anais da AGB, vol XII, pg. 165 e 167.

justamente o seu contrário, o retorno ao anonimato. O bairro também aparece como tendo o dom de castrar, oprimir, perseguir os que de alguma maneira quebram com valores morais tradicionais. Não falo da existência ou não de uma "identidade" no bairro. Não se trata disso. Refiro-me a quebra de valores morais que ainda permeiam a sociedade, mas que quando subvertidos em um meio onde o indivíduo é apenas um no meio de milhões, isso pode não gerar conflitos. Já em um local onde todos se conhecem o mesmo ato pode tornar insuportável a vida desse mesmo sujeito no bairro. Ser apenas mais um nesses momentos aparece como o ideal, como a exposição do eu mesmo sem risco de críticas ou repressões.

A exposição dessas imagens na novela não produziria uma aparência contraditória do bairro enquanto unidade particular, pertencente a um universo maior, ao mesmo tempo libertadora e opressora, podendo vir a se transformar em um modelo ou não de lugar possível e realizável? Por outro lado que imagens se contrapõem a essas no sentido de também se apresentarem como um vir a ser possível na vida das cidades?

### 2.3.2. Os lugares dos ricos

"Quem gosta de pobreza é intelectual", disse um dia o carnavalesco Joãozinho Trinta. As emissoras de tv parecem ter tomado essa frase ao pé da letra e pelo menos nas novelas analisadas mais de dois terços de todas as cenas passam-se em um mundo que brilha, reluz, onde a riqueza material aparece nos detalhes de objetos, móveis, roupas, casas, gestos, etc. As pessoas nesse mundo aparecem sempre bonitas, elegantes, cultas. Nessa categoria existem famílias da antiga aristocracia cafeeira, empresários, profissionais liberais de renome internacional e políticos profissionais.

Nessa visão dicotômica de mundo oferecida pela novela, o "mundo dos ricos" se revela como o contraponto do "mundo dos pobres". Ele é antes de mais nada o mundo onde circulam juntos dinheiro e poder, e com esses elementos, personagens "maus" manipulam os que não têm posses enquanto os "bons" protegem os mesmos. E enquanto os de mau coração pisoteiam, subornam, prejudicam os mais fracos economicamente, os de bom coração assumem atitudes paternalistas, sempre defendendo e tomando atitudes justas com relação aos mesmos envolvidos. Esse mundo ainda coloca-se como lugar em que pode haver a maximização da individualidade. Assim os indivíduos sempre são mostrados dentro de um "pequeno mundo" que praticamente se restringe

ao seu lugar de moradia, que se diferencia, e em muito, dos padrões da classe popular. Aparecem as mansões, os apartamentos de luxo, coberturas e duplex, apart-hotel. Em nenhum desses momentos se revelam bairros, nomes de rua vizinhança, embora exista um consenso que tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo esteja-se falando da Zona Sul.

A moradia, e a forma de morar, têm papel essencial nesse mundo. A mansão ou os vários tipos de apartamentos de luxo primam pela segurança e conforto. Porteiros, sistemas de alarmes e vários tipos de empregados ( copeiros, mordomos, secretários particulares, cozinheiras, motoristas, governantas, arrumadeiras) povoam as telas como figurantes ao mesmo tempo que parecem garantir o bom funcionamento das moradias, que possuem áreas específicas para as diversas atividades que possam ser necessárias aos seus proprietários. Surgem assim em cena salas de jantar, visita, música, jogos, vestuários, escritórios, copas, cozinhas, banheiros, elevadores dentro de mansões de dois andares, etc. Cada qual com uma função específica, única. Todos comem só na sala reservada para esse fim. Ninguém aparece na sala de visitas comendo um sanduíche. Há uma ordem a ser seguida que revela um comportamento "natural". As moradias são sempre amplas, funcionais, racionais.

É com a idéia de metrópole, de cidade mundializada que sutilmente aparece uma tendência das grandes cidades: a destruição do entendimento da rua enquanto o lugar da circulação de pessoas, da troca, do comércio, do encontro.

Esta é substituída, nos "lugares dos ricos" pela auto-estrada ou grandes corredores de circulação de alta velocidade; pelos shoppings centers, enquanto o lugar das compras, pelos clubes privês para o encontro com seus pares, pelo prédio e condomínio fechado, que garante o não se misturar com gente fora de sua classe social.

Mostrando uma tendência da classe A tanto do Rio de Janeiro como de São Paulo, os ricos deixam de morar em mansões, preferindo a segurança do prédios de luxo: duplex ou coberturas. Nunca se vê a rua onde se localiza o prédio e da sala onde sempre se reúnem os personagens não existem janelas de onde se possa ver as ruas. Esse fenômeno se repete nos quartos. O cenário passa a impressão de que trata-se de uma caixa forte. Quando muito fazem-se tomadas das paredes externas do prédio a partir dos andares superiores. Assim parecem não se relacionar com o bairro onde se situam. Não existem vizinhos e ninguém dá uma volta a pé pelo bairro. A rua não aparece, apenas um close da parede do edifício onde localiza-se o apartamento onde mora o personagem em foco. A principal vantagem ressaltada nas novelas desses prédios é a segurança. Praticamente ninguém consegue subir sem antes passar pelo porteiro, ser anunciado, para que só então o empregado da casa passe a chave na porta abrindo-a para o convidado.

No prédio não existe, ao menos pelo que é mostrado, a figura do vizinho e nem barulho de crianças. Todos já são adolescentes ou adultos e antes de tudo são

pessoas "modernas". Possuem todos os confortos que podem ser comprados; cultura, objetos de arte e tem uma mentalidade aberta, estando prontos para aceitar situações novas, quebrar com barreiras e antigos valores. Possuem pouquíssimos e restritos amigos, formando um círculo fechado de amizades que se encontram em clubes privês, festas com convidados selecionados e saem nas colunas sociais nos jornais. Leem no jornal os cadernos de economia, política, mundo, ao contrário de seus empregados que preferem notícias do dia-a-dia, como assassinatos, estupros, mortes, acidentes, etc.

Nesse "mundo moderno" tudo se apresenta como cristalino, transparente, sendo todos o que na realidade aparentam ser. Deste modo não se diferenciam mais atitudes do âmbito particular do público. Se antes o "público" exigia uma postura comum, de relações comuns recíprocas para o encontro nos lugares públicos, ficando restrito ao âmbito particular, o poder se expor como se é, hoje essa diferença sucumbe frente ao consumo que transporta-se para o público e o privado de forma indiferenciada. *"Em vez de uma consciência política inflamada, a nova esfera "pública" comporta melhor a consciência passiva do sujeito consumidor, confinado ao seu bem-estar "privado"*(91). Desta maneira, já que não se faz mais necessário diferenciar a postura pública da privada, tudo apresenta-se cristalino. Cidadãos, fatos e produtos apresentados são o que aparentam ser. A tv produz a

91) Muniz Sodré. A máquina de Narciso, pg. 27.

sensação de que o mundo está ali, a sua frente e que ele, cidadão *"embora membro de uma massa anônima, dispersa, heterogênea; fechado em si mesmo ou no grupo familiar dentro dos compartimentos em que se divide o espaço incomunicável do prédio urbano, o indivíduo mantém uma relação privada com o mundo através da telepresença"*(92). Por meio dessa telepresença o indivíduo percebe o que é refletido pela tv como real, embora seja apenas uma distorção ótica. Da mesma maneira cria-se a falsa impressão de que tudo resume-se apenas à aparência, no que pode ser visto, como se aparência e essência fossem exatamente a mesma coisa. É justamente essa duplicação do real que parece fascinar, pois essa imagem revela-se como *"mais perfeita que si mesmo, quase divina, porque ubiqua- instântanea, simultânea, global"*(93).

Não queremos com isso dizer que a imaginação das pessoas tenha sucumbido. Não é isso. Mas parece que os meios de comunicação, através de várias estratégias, têm tentado capturá-la, procurando vinculá-la aos padrões de consumo, de tal maneira que muitas vezes as ilusões, as imagens, a imaginação, passam a serem criados de tal forma que não se distinguem mais da realidade. *"A produção de mercadorias e o consumismo alteram as percepções não apenas do eu como do mundo exterior ao eu; criam um mundo de espelhos, de imagens insubstanciais, de ilusões cada vez mais indistinguíveis da realidade"*(94). O mundo passa a ser aquilo que pode ser

92) Idem, pg. 32.

93) Ibidem.

94) C. Lasch. O mínimo eu, pg. 2.

visto. Se ele é puro reflexo, como em um espelho, deixa de haver a necessidade de explicá-lo. Com isso os meios de comunicação, principalmente os que atingem a um número maior de pessoas- os mass-media- como a tv por exemplo, enquanto parte do sistema produtivo industrial, tem contribuído na tentativa de invalidar a *"vontade de mudar as condições sociais, de fazer melhoramentos, ainda que modestos, no trabalho e no lazer, e de restaurar o significado e a dignidade da vida cotidiana"*(95).

Com essa estratégia reproduz-se não só as relações de produção, mas também do o poder que permeia a sociedade urbana. Mas onde está o poder? *"O Poder está em toda parte...Por todo lado no espaço! Tanto no discurso cotidiano e nas representações banais, como nas sirenas da polícia!...Tanto na predominância difusa do "visual" e do olhar como na disposição significativa dos lugares, na escola, no espetáculo, no Parlamento...Por outro lado, em nenhum lado...Ele ocupa o espaço, mas o espaço treme-lhe debaixo dos pés. O veneno da suspeita, dramática contrapartida do poder, destila-se por todo espaço social"*(96).

Na modernidade o espaço urbano é ao mesmo tempo o espaço do poder, da manutenção da ordem e espaço de luta, resistência, mudança. Mas nas novelas a ênfase centra-se na manutenção do poder e no reforço a determinados conceitos

95) C. Lasch. A cultura do Narcisismo, pg. 128.

96) H. Lefebvre. Estrutura social...op.cit.pg.249.

generalizantes, como por exemplo a indistinção entre o público e o privado.

Nas cenas referentes a esse mundo nunca existe a passagem do privado (interior da casa) para o público, mas sim do privado para o privado (as dependências da empresa que o personagem dirige por exemplo). As poucas cenas de rua que envolvem esses personagens remetem a um sentido totalmente oposto ao dos "bairros populares". Enquanto nos últimos a rua acolhe, une, provoca o encontro, nos primeiros ela age como dispersora, promove o desencontro, o perder o outro em um semáforo ou em uma esquina. O encontro no lugar público, nesse contexto, é uma garantia de anonimato, enquanto que o encontro pelo outro grupo no bar do Calixto é marcar presença perante um grupo.

É no "mundo dos ricos" que caricatura-se mais precisamente o tipo de vida levado nas grande cidades, com todos seus benefícios e malefícios, que juntamente com todo um sistema de objetos e valores ultrapassam os limites territoriais das cidades, penetrando nos campos. Ser urbano nesse sentido transforma-se em ter direito a infra-estrutura básica (água, luz, esgoto), a frequentar as instituições escolares, a ter acesso a serviços médicos, à cultura, à diversão. É também estar sujeito ao trabalho assalariado das fábricas, bancos, comércio, repartições públicas, a ficar preso em longos congestionamentos, estar a mercê da violência (assaltos, assassinatos), a viver a poluição, ser levado ao individualismo, ao anonimato, à solidão, ao mesmo

tempo que esse anonimato e solidão se apresentam como formas de "liberdade", e de identificar-se com o outro. Já no "bairro popular" embora também viva-se parte dessas situações, principalmente da escassez de serviços públicos, ele não traz a dimensão da cidade moderna, agitada, industrial, informatizada, de "liberdade", do individualismo, justamente por ser caricaturado como o lugar onde o coletivo, a vida comunitária têm destaque. E essa vida, na moderna concepção de cidade, pelo menos da mais divulgada, parece não ter lugar. Os pobres parecem poder encontra-se em qualquer lugar do bairro. Já entre os personagens que representam as classes mais altas, o encontrar o outro tem sempre um caráter de privacidade. Até nas festas apenas um grupo restrito é convidado. Encontros de negócios dão-se em restaurantes finos ou em bares de hotéis cinco estrelas, o que na prática já se tornou moda. Apenas os encontros amorosos mais secretos ocorrem em locais públicos (revelando um lado positivo da metrópole que garante o anonimato) mas fechados para o público em geral, ao menos em determinados períodos ou horários. Assim foi com espanto que se pode observar o encontro entre dois amantes no Joquéi Club de São Paulo (zona oeste da cidade), onde os dois tiveram acesso as suas dependências embora a entrada só seja permitida em dias de páreo nos horários das corridas, o que não era o caso; ou em outra ocasião nas pistas do autódromo de Interlagos (zona sul), onde só os dois tiveram também a entrada facilitada.

Talvez seja justamente essa visão dicotômica da realidade que aproxime o telespectador da novela. De um lado ela oferece para as massas uma aproximação com o popular, por meio de um visão de bairro popular que pode nem mais corresponder a atualidade existente na metrópole paulista, por exemplo, mas que corresponde em parte com um tipo de vida de bairro já vivida em outras décadas, em outros locais. Por outro também a aproxima de um modo de ver mais generalizante da cidade, ou melhor da grande cidade expressa nas novelas através do mundo dos ricos. É por meio dessa visão que se retrata a metrópole- que na novela aparece como uma grande cidade, populosa, com muita produção, indústria e riquezas. Além de problemas como a violência, miséria, poluição, congestionamentos- e se faz possível, pelo menos para os personagens desse mundo as comparações. Em geral a comparação feita é a seguinte: São Paulo está para o Rio de Janeiro assim como Nova York está para São Paulo. Exemplificando melhor: na novela centrada no Rio de Janeiro as referências a São Paulo são sempre no sentido de enaltecer suas qualidades enquanto centro para compras, com muita cultura e pessoas interessantes. Comparação idêntica é feita quando a novela é centrada em São Paulo, entre São Paulo e Nova York.

Nessas cidades, além disso, centralizam-se os negócios, a produção, as finanças, o poder. Os líderes de cada família poderosa são donos de empresas ( indo da indústria têxtil, no caso uma indústria tradicional a

empresas especializadas em criar formas, tipos, embalagens, logotipos gráficos para os mais diversificados produtos), bancos, fazendas.

Nesse mundo apresentado pela novela é que se retrata o que parece ser comum a todas as metrópoles: o modo de vida urbana atual, que embora não se restrinja as cidades, tem tido nelas a sua base de desenvolvimento e expansão. Assim elabora-se uma concepção de cidade pautada no censo comum e fragmentos da vida urbana. Essa "imagem" da cidade costuma excluir justamente os ditos "bairros populares", que entretanto fazem parte da cidade, excluindo assim o conteúdo do lugar.

O termo cidade associa-se na novelas, com a idéia de centro- não necessariamente do centro velho de São Paulo, por exemplo, mas de áreas na cidade que aglomerem serviços, produção, grande circulação e pessoas, bem como os problemas, que na visão mais comum são resultado desse tipo de concentração, mas com uma policentralidade. Por exemplo, toda vez que alguém do Rio de Janeiro sabe que outro vai a São Paulo, faz invariavelmente este pedido: " Quando você estiver em São Paulo, se for à cidade, seria possível comprar...?". A cidade a que o personagem refere-se no caso em questão é o centro velho de São Paulo, no viaduto do Chá. Por outro lado as cenas de cidade apresentadas remetem justamente a noção de movimento, agitação, corre-corre- são imagens do metro, Av. Paulista, São João, Faria Lima.

Não há na novela a centralidade do centro único, divulgando-se a idéia da grande cidade policêntrica, embora não se discuta que a centralidade está ligada ao modo de vida, ao cotidiano das pessoas, sendo uma construção histórica. O bairro aparece contendo esse sentido de centralidade, enquanto construção do poder simbólico do centro, da cidadania. Já a Av. Paulista, Av. Faria Lima, surgem, nas novelas, como centro das decisões do poder instituído e não do cotidiano. Deste ponto de vista estes últimos lugares refletem, embora não claramente, a visão de centralidade embutida no planejamento racional da cidade, onde centralidade relaciona-se com a normatização da vida.

É também esse mundo que expõe o padrão de cidade mundializada e moderna, onde, pelo mostrado, o ter é de extrema importância. Enquanto que no mundo dos pobres ainda se valoriza a noção de trabalho, este entendido como atividade que gratifica e enobrece, oculta a idéia de trabalho como ocupação necessária apenas para que haja o consumo de objetos. Desta maneira o trabalho para o pobre recupera as noções de dignidade, honra, amizade, lealdade, honestidade, onde subir na vida (possuir dinheiro e bens) de maneira ilícita é motivo de condenações e conflitos, no mundo "moderno" apresentado na novela que relaciona-se com as classes mais abastadas e com a noção das grandes cidades, valoriza-se quem tem, não importando os meios que foram necessários para a obtenção das coisas. Assim, no extremo, na novela, está presente no "mundo dos ricos" a inumanidade

que ocorre quando o regime de produção torna-se modo de existência, o ter é mais importante que o ser. O Ter coisas é que é valorizado, isto é, valoriza-se o mundo das coisas em detrimento das relações humanas.

Coisas aqui é a denominação mais genérica aos bens que se apresentam como mercadorias, isto é, possíveis de serem compradas. Deste modo compram-se automóveis, vestuário, eletrodomésticos, aparelhos de som em geral, computadores, obras de arte, imóveis e até pessoas, que em cenas, chegaram a serem comparadas a mercadorias "e do tipo mais rara". Os apelos ao consumo chegam a aproximar-se dos sentimentos. O comprar roupas, por exemplo, "é uma maneira de se acariciar" ou de "curar uma depressão amorosa".

Não basta comprar. Esse ato envolve o relacionamento entre o sujeito e o lugar onde vive. Existem mil lugares para se fazer compras, mas comprar em uma loja no Brás ou em uma botique de um shopping faz diferença. Não é apenas no preço que surge a diferença. É no status que o sujeito crê existir ao comprar num ou noutra lugar. Até no "tomar um chopinho" isso faz diferença. Hoje é considerado "brega", fora de moda, tomá-lo em um barzinho da Av. Henrique Shaumann, em São Paulo, repleta de bares com música ao vivo e academias de aeróbica- pelo menos é o que dizem as elites da novela.

A exaltação do consumo de determinados locais se de um lado provoca a mobilidade pela cidade, uma maior racionalização de sua malha viária, uma generalização de sua

imagem enquanto padrão na cidade, por outro parece querer minar ou destruir a riqueza que se apresenta enquanto possibilidade nos bairros "populares", que a novela ao mesmo tempo que a apresenta a denomina enquanto ultrapassada, fora de moda, não estando a altura dos desejos dos homens modernos. } Se é essa mesma a intenção, ou seja, uma tentativa de homogeneização de padrões de consumo, de forma, de lugares, onde estaria o contramovimento: a particularização, a peculiaridade, o diferente?

### 2.3.3. O Brasil que os Brasileiros não conhecem

Se no padrão global ser bairrista é ultrapassado, numa tentativa de ganhar audiência, a Rede Manchete de televisão tenta apresentar aos espectadores justamente o oposto, procurando buscar o diferente (sempre em relação ao que é mostrado pelo concorrente) enfocando a questão regional através do campo brasileiro. Pelo menos foi essa a proposta da emissora, que na realidade não se afastava da preocupação básica de sua concorrente, ou seja, a de vender produtos (incluindo neles a novela). O que a diferencia é justamente o produto. Aproveitando-se da onda ecológica que invadia o Brasil e o mundo, em sua primeira tentativa, a Tv

Manchete levou ao ar a novela Pantanal, que como já foi dito, consagrou-se enquanto marco na teledramaturgia brasileira, na medida em que impôs uma velocidade lenta ao drama contado, procurando simular o ritmo da natureza primitiva do Pantanal Matogrossense. Entre tuiúius, jacarés, cobras, garças e onças, os homens e a natureza apareciam em perfeita comunhão.

Para quem vive na grande cidade esse tema retratado no Pantanal, de retorno a natureza primeira, daquela não produzida pelo homem, recupera aos que já perderam a dimensão do natural, essas imagens como espaços de representação da vida, como lugar do lúdico, que embora não tenha sido vivido por todos, traz à lembrança a nostálgica presença do que já foi perdido na cidade. Esta é parte da natureza social do homem, na medida em que é construção social, só pode ter sua existência a partir da apropriação pelos homens da natureza primeira. Nas metrópoles a natureza é consumida, mas mediatizada, é um fragmento abstrato de valor. Já nas populações ribeirinhas do Pantanal ainda é possível encontrar uma relação mais direta, naturalizando assim a sociedade.

Se os bois parecem todos iguais no Pantanal, com homens é diferente. Basicamente existem três tipos de homens: os sitiantes, que vivem da coleta, caça e algum roçado; os peões, empregados das fazendas de gado locais; os fazendeiros, proprietários de terras e gado. É estranho, mas

da mesma maneira que Walter Benjamin (97) precisou descrever Moscou para entender sua cidade Berlim, o Pantanal, com seus personagens ajuda a entender melhor o conceito de cotidiano e vida urbana nas grandes cidades.

Podemos começar pelos sitiantees que aparecem na novela. Estes não têm propriedade da terra, não são alfabetizados, nem possuem energia elétrica ou água encanada. Sua casa desaparece em meio a vegetação. É de pau-a-pique, coberta de palha e com fogão à lenha. Uma espingarda para a defesa. Sal e vestido de chita são os únicos produtos comprados, não no bar, na mercearia ou na cidade. Uma chalana (embarcação local) sobe e desce o rio vendendo essas mercadorias, que na maior parte das vezes são trocadas por couro de jacaré ou pele de onça pintada. As pessoas têm seus afazeres: caçar, pescar, ir ver o roçado, tirar leite da vaca, mas tudo isso de acordo com a necessidade do sitiante. Se há caça, não é preciso pescar. Se chove não se trabalha na roça. Não existe a obrigação de se trabalhar nesta ou naquela hora. Faz-se as tarefas quando existe precisão. Lazer, trabalho? As duas atividades se imbricam. Como então falar em cotidiano no sentido a que Lefebvre se refere enquanto rotina, dissociação entre trabalho e lazer? Nesse sentido não existe cotidiano para esses personagens, onde um dia vem após o outro mas não se repete enquanto uma situação pré-determinada, marcada,

97) W. Benjamin. Obras Escolhidas I, pg. 155-177.

obrigatória, permeada pelo mundo da mercadoria e regida pelo mercado.

Mas o que significa não ter cotidiano, repetitivo, determinado, compromissado com a reprodutibilidade? Isso traduz-se em ser considerado um "bicho do mato", um selvagem. Quem diz isso são os personagens peões e fazendeiros que a todo momento comentam como os sitiantes poderiam viver melhor se cercassem a terra, cuidassem do gado ao invés de deixá-lo solto no mato, comprassem um gerador a óleo para ter mais conforto e antes de tudo trabalhassem com mais vigor.

O que é trabalhar com mais vigor? é o trabalhar para conseguir o excedente, que pode propiciar a aquisição de bens que facilitem a vida, ou pelo menos, tragam mais segurança a mesma. Na novela quem trabalha assim são peões, empregados da fazenda que têm uma série de atividades diárias e o dono da fazenda, que pode ser proprietário por duas vias: o trabalho árduo ou pela grilagem. Não discutiremos esse último tipo, pois ele aparece na novela com desvio e cujo fim tem que ser exemplar: a punição pela morte.

O proprietário da fazenda é também proprietário dos peões, no sentido mais amplo. Ele é a autoridade local e sua palavra vira lei. Mora em uma casa- sede da fazenda- com todo conforto encontrado nas casas das cidades. A casa é ampla, com varanda, muitos quartos, inclusive para hóspedes; tem energia elétrica gerada por motor a diesel, rádio para

comunicação de longo alcance; tv, antena parabólica, barco com motor e avião particular. É através dele e de seus familiares que aparecem as imagens da cidade, que muitos jamais chegarão a conhecer.

Os sitiantes nunca saem de seu sítio e não conhecem a cidade. Já ouviram falar pela boca dos peões das fazendas vizinhas e pelo homem da chalana. Na novela uma das sitiantes chegará a conhecer o Rio de Janeiro, onde achará tudo complicado, ao mesmo tempo que fascinante, por ser tudo novo e diferente do conhecido em sua vida.

Os peões conhecem Aquidauna, que dista cerca de 100 km da capital Campo Grande, e onde vendem cabeças de gado. Aquidauna é para os peões a cidade onde se encerra ou inicia uma etapa do trabalho (vender ou comprar cabeças de gado), e também o lugar onde podem comprar certos gêneros de produtos, diferenciados daqueles que podem ser comprados na chalana, além de apresentar locais de divertimento, incluindo as zonas de prostituição são facilmente localizadas.

Conhecer Campo Grande, São Paulo e Rio de Janeiro só o proprietário da fazenda ou algum de seus familiares e são pelas situações vividas por esses que se controla pouco a pouco as imagens da grande cidade. Por exemplo: Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, não aparece enquanto cena. Ela só surge enquanto discurso e através deste, ela é, especificamente um centro local para compras e outros serviços. Se é preciso um padre, busca-se em Campo Grande.

Depósitos bancários e médicos para doenças mais rotineiras também podem ser conseguidos aí, e por fim compras, principalmente de alimentos e vestuário. Já as cidades de Rio de Janeiro e de São Paulo têm outro tratamento. As tomadas dessas cidades vão da vista panorâmica ao interior de uma casa. A vista panorâmica oferece uma beleza diferente da do Pantanal- a beleza está justamente na cidade enquanto construção humana, enquanto que no Pantanal a beleza vem da Natureza primeira. Essas cidades continuam, como Campo Grande, sendo enfocadas enquanto "os centros" de compras e serviços : barcos a motor são comprados no Rio, varas de pesca boas em São Paulo e o centro médico para problemas do coração é São Paulo, que juntamente com o Rio de Janeiro dividem em igual importância as decisões do país, principalmente, no que diz respeito ao mercado financeiro e produtor.

Mas apesar desses enfoques, o discurso e as imagens mais fortes em relação a essas cidades vão da poluição (várias vezes diz-se que os rios- que mais parecem riachos se comparados com o do Pantanal- são esgoto puro) ao assalto e foi esse o tema que gerou a cena mais forte que caracterizou a violência urbana: a família volta de viagem e encontra a casa "depenada": tudo é levado pelos assaltantes, ficam só as paredes. Isso por um lado serve de pretexto para mostrar como é perigosa a vida nas cidades, o que os leva de volta a tranqüilidade do Pantanal. Por outro serve para a veiculação da idéia do "prédio de apartamentos" como uma

alternativa, na cidade, de uma vida com mais segurança embora nunca se discuta o impacto da verticalização das cidades sobre o meio e nem os custos sociais desse tipo de empreendimento (essa "alternativa" tem sido a mais veiculada). Nas outras novelas essa "sugestão" aparece de maneira mais discreta: são feitas tomadas das paredes externas do prédio e em seguida do interior para mostrar que a classe A está deixando de morar em mansões e optando por esse tipo de moradia. Se isso antes só aparecia nas metrópoles, na novela "O Dono do Mundo" esse padrão é levado para a cidade paulista de Ribeirão Preto, centro produtor de suco de laranja e tida hoje como o exemplo do crescimento de riquezas no interior do estado. Já no Pantanal é feito o merchandising de uma construtora de imóveis e uma imobiliária especializadas nesse tipo de empreendimentos na cidade do Rio de Janeiro: a expansão da Barra da Tijuca, que apesar de não discutir o assunto mostra para os mais atentos a incrementação do processo de verticalização das cidades, o adensamento populacional, a maximização do capital na construção civil.

Se a proposta da emissora era mostrar algo que os brasileiros não conhecem, ela conseguiu muito mais do que isso. Ela "vendeu" para a cidade o "Pantanal" enquanto uma região bonita de se visitar (uma corrida de turistas a essa região aconteceu, como consequência da novela, com a advertência de conhecê-lo "antes que acabe") fomentando a indústria do turismo, a partir da venda da idéia de uma

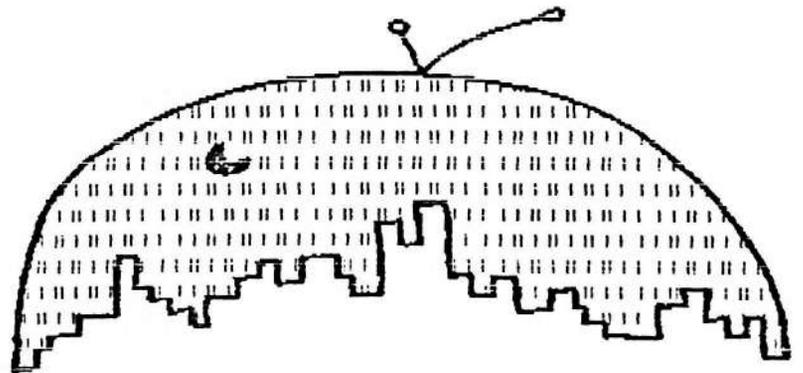
natureza primitiva ainda existente. Deste modo aproveitando-se do discurso ecológico, do preservar, do deixar intocável, transformou-se o Pantanal em uma mercadoria in natura. O natural que inicialmente evocava o passado, trazia à tona a sensação de perda. Assim, por meio da propaganda televisiva transforma-se em mercadoria vendável.

Mas não foi só o Pantanal que passou a ser vendido. A novela, por outro lado tornou comercialmente vendável para a cidade produtos tipicamente de origem "rural". Deste modo tornou-se moda ser agrobóy- a riqueza do interior passa a ter uma expressão notável principalmente em relação aos objetos veiculados. Com isso objetos passam a ser valorizados e usados enquanto signos de poder. Mas não qualquer objeto. Todos- do carro à música- são inspirados no Texas americano. Os rodeios tornam-se o espetáculo da moda e servem de tema para a novela "Ana Raio e Zé Trovão" que sucede o Pantanal, percorrendo o país de norte a sul. De qualquer maneira essa novela não se afastou do princípio básico que as novelas em geral destacam enquanto modo de vida urbano: a questão do consumo e a homogeneização do modo de vida. O que ela fez foi conseguir transformar particularidades regionais em temas para criação de objetos da moda e do consumo nas cidades, aproximando-as em torno de um modo de vida, particularizando-as pelos objetos de consumo em alguns casos, generalizando-os em outros, articulando todos os lugares ao mercado de consumo.

A partir das descrições do que pôde ser percebido enquanto imagens criadas da cidade pelas novelas, onde estaria o virtual? De que maneira essas imagens efetivamente têm influenciado a concepção das pessoas com relação a sua vida? Contribuiriam apenas no sentido do consumo, criando hábitos e modas ou estariam também auxiliando na construção da imagem do que as pessoas criam como ideal de cidade e de vida? Até que ponto a construção de um ideal motiva as mudanças de relações e concepções no sentido de se atingir essa construção? Será que ao vender a idéia de felicidade relacionada ao consumo, não se abriria para as pessoas, um questionamento de por que uns vivem muito bem na cidade e outros apenas sobrevivem? Será também que ao mostrar as várias faces da cidade, embora na tentativa de destruir sua imagem, os telespectadores não acabem por criar na sua imaginação a cidade de seus sonhos, provavelmente diferente da imagem criada pela TV? A imagem da cidade não seria destruída mas talvez recriada, da mesma maneira que Kublai Khan, na visão de Italo Calvino, *"percebeu que as cidades de Marco Polo eram todas parecidas, como se a paisagem de uma para a outra não envolvesse uma viagem mas uma mera troca de elementos. Agora, pra cada cidade que Marco Polo lhe descrevia, a mente de Grande Khain partia por conta própria e, desmontando a cidade pedaço por pedaço, ele a reconstruía de outra maneira, substituindo ingredientes, deslocando-os, invertendo-os"*(98).

98) Italo Calvino, *As cidades invisíveis*, pg. 43.

### III - São Paulo é Nova York?



III. SÃO PAULO É NOVA YORK?

"Inverter ingredientes", "desmontar a cidade", "recriá-la", "reproduzi-la", implica em procurar nos programas cotidianos emitidos pela tv os germes das mudanças que já estão presentes.

Ao longo do trabalho pudemos captar algumas das resistências a "tendência" de um processo de homogeneização da vida urbana moderna.

Se de um lado o ritmo imposto pela tv brasileira é o de acelerar a velocidade das coisas, dos processos, fragmentando as imagens, fornecendo flashes, dissimulando por esses efeitos a realidade, impedindo, devido ao volume e velocidade das informações, que estas sejam entendidas, correlacionadas, ou seja, comunicadas às pessoas, por outro; essa própria velocidade impingida aos telespectadores, faz com que estes, após habituarem-se com esse novo ritmo, passem a exigir do veículo uma programação cada vez mais acondicionada a essa nova aceleração. O exemplo dessa situação na tv é o efeito zapping, ou seja, que corresponde *"a prática de mudar de canal a qualquer pretexto, à menor queda de interesse do programa, graças ao*

*controle remoto...e...resulta desta absoluta impaciência do espectador em relação a qualquer vestígio de duração e continuidade"*(99). Se por um lado isso implica na perda de referentes, por outro mostra que as pessoas não podem, por mais que se tente, ser totalmente programadas. De certa maneira os telespectadores subverteram a ordem imposta na medida em que passam também a exigir da programação do veículo, um ritmo ainda mais acelerado do que o proposto, ao mesmo tempo que tenta se livrar dos modos formais de vendas de produtos das propagandas ou reclames que são intercalados na programação. Por mais contraditório que possa parecer isso só foi possível graças ao aperfeiçoamento técnico dos aparelhos de tv, a disseminação dos aparelhos com controle remoto. Ao perceber essa tendência os responsáveis pela programação da tv também vão ao contrataque, introduzindo as propagandas na própria programação, difundindo o merchandising. Outras armas também são utilizadas. Na Itália, por exemplo, onde foi feito um acordo entre as diversas emissoras não estatais para que todos os horários da propaganda no horário nobre coincidissem, de modo que o telespectador não pudesse se livrar delas(100).

Nesse jogo de tentativa de resistência e contra-resistência destaca-se o processo de alienação de nossa sociedade. Desse processo ressalta-se o fetiche da mercadoria, a tendência a homogeneização e mundialização da

99) N. B. Peixoto. "As imagens da tv têm tempo?" in Rede Imaginária, pg. 77.

100) M. Mattelart. O carnaval das imagens, pg. 174.

vida moderna, a perda da consciência enquanto um processo de elaboração mental de conceitos, consciência essa determinada pela vida(101), mais especificamente hoje a vida urbana.

Pelo que pôde ser observado no estudo da programação da tv Globo em especial, que no Brasil hoje detem 45% de toda audiência diária(102), a predominância vem sendo o de alienar o telespectador reforçando a noção dele pertencer a uma sociedade consumista. Mesmo assim a repercussão da tv sobre os homens ultrapassa o da tendência a homogeneização. Embora os espectadores, como no exemplo, ao se utilizarem do controle remoto, de um lado para evitar as propagandas, de outro na busca de uma programação mais agitada, rápida, de efeito video-clip, conseguindo "assistir" dois ou mais programas simultaneamente, perdendo a dimensão da durabilidade e continuismo temporal e espacial, exijam dos responsáveis pela programação da tv, diversões desse porte, ao mesmo tempo vão de encontro com o que hoje é uma característica do mundo moderno: a superficialidade, a velocidade, a profusão de imagens, a banalização da vida urbana.

Nesse sentido a prática espacial moderna vem associando fortemente no espaço percebido a realidade cotidiana urbana. Segundo Lefebvre essa associação é surpreendente porque inclui a separação do conteúdo do lugar

101) K. Marx. A ideologia alemã, pg. 37.

102) R. Baianense. "Vítima e cúmplice" in Rede Imaginária, pg 258.

que ela comunica, reduzindo -se a prática à banalidade do cotidiano.

Essa banalização espacial reproduz-se continuamente pela tv que acaba por apresentar as imagens como representações do espaço e não se constituindo como um espaço de representação. Isto porque a tv reproduz (através de imagens) o espaço conhecido dos sábios, planejadores, urbanistas, tecnocratas, ou seja, de um espaço elaborado como lugar de relações de produção, onde a ordem impõe-se(103). Na tv trabalha-se com o espaço que parece ser o conhecido, fragmentado, transformado em imagens, deixando ao lado o espaço vivido pelos habitantes da cidade.

Mas como diz Calvino ao falar de Berenice a *"cidade injusta que germina em segredo na secreta cidade justa: trata-se do possível despertar- como um violento abrir de janelas- de um amor latente pela justiça, ainda não submetido a regras... as futuras Berenices já estão presentes neste instante, contidas uma dentro da outra, apertadas espremidas inseparáveis"*(104).

Nessa profusão de imagens divulgadas pela tv, o que deveria dissimular a realidade, desconectando fatos e colocando os homens como meros "espectadores" no sentido de serem agentes passivos, pode também, embora não seja esta a intenção, recuperar, ainda que discretamente ou mesmo distorcidamente relações sociais no sentido da apropriação das cidades, que achavam-se esquecidas.

103) H. Lefebvre. La production, ..op.cit.pg.43 e 49.

104) Italo Calvino. As cidades invisíveis, pg. 147.

Como já vimos as telenovelas fazem parte do cotidiano das pessoas nas metrópoles e cidades brasileiras. Indo ao ar de segunda a sábado, sempre no mesmo horário, condicionam e produzem a rotina dos lares. Proporcionam diversão e entretenimento, ao mesmo tempo em que " nos remete a um imaginário social, às representações coletivas, a uma memória histórica, como a genealogia dos dispositivos mediatos na qual as especificidades da produção seriada se fundamentam"(105). Recuperam o passado e remetem a um futuro, mesmo que seja um futuro onde tudo se fragmenta, dissocia e perde significado.

Embora na novelas tudo seja repetitivo, pré-estabelecido, a trama já conhecida é a mesma de todas as novelas, essa repetitividade também pode ser entendida como indo além do próprio cotidiano, pois recorda, embora seja com nostalgia, tempos e espaços passados. Segundo Olgaria Matos "a recordação é a única maneira de se barrar o caminho à repetição do mesmo: para esquecer (redimindo) é preciso lembrar, o esquecimento sem a recordação é o recalque do passado"(106). A questão que se coloca é de como quebrar com a nostalgia, rememorando o passado no sentido de compreendê-lo e superá-lo no presente, evitando assim o eterno retorno, e a manutenção da história linear.

Hoje a tendência nas novelas brasileiras é de sempre mostrar as cidades como dicotômicas( dos ricos e dos pobres) sendo que a cidade mais mundializada e moderna se

105) M. Mattelart. O carnaval das imagens.

106) O. Matos. Os arcanos...op.cit,pg. 116.

transfigura no lugar dos ricos, na metrópole, na cidade racionalista "que liquida as referências individuais e coletivas. O individual, o qualitativo, o heterogêneo são excluídos do espaço urbano"(107). Essa visão de cidade é repetida em todos os instantes e em todas as novelas, sejam elas ambientadas nas grandes metrópoles, cidades médias ou mesmo áreas rurais, como já foi visto no capítulo anterior, é também real, mas é ao mesmo tempo construção da consciência coletiva. Como diria Calvino " a cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente... a memória é redundante: repete símbolos para que a cidade comece a existir"(108).

Mas se por um lado repete a todo instante a vida urbana, pelos moldes das grandes cidades, também é nelas que aparecem, de maneira mais modernizada, o papel dos bairros, chamados de populares, e é através deles que se recupera o lado humano da cidade enquanto lugar do encontro entre as pessoas, o companheirismo, a moralidade, o respeito entre os habitantes. É no bairro popular das novelas que também há discussões, intrigas, vida, mas todos se colocam em pé de igualdade. Têm direito a palavra, ao ataque e defesa, enquanto que na metrópole aparecem como um número a mais, o que sofre a violência, o que abaixa a cabeça para alguém de uma situação econômica melhor que a sua. Essa recuperação da idéia de bairro, como lugar de encontro e da vida, traz a tona na memória a vivacidade da cidade do passado, ou da

107) Idem, pg. 164.

108) I. Calvino. As Cidades invisíveis, pg. 23.

cidade do interior, lugar dos encontros, das paixões, das emoções, que se coloca como contraponto ao mundo das pessoas e cidades racionalizadas, onde o trabalho humano parece abdicar de ser o produtor das cidades e da vida. A apropriação da cidade deixa de dar-se pela apropriação coletiva, passando a dar-se pelo consumo privado.

Essa parece ser a resistência à difusão, por meio das novelas, da racionalidade urbanística, presente nos apartamentos de luxo e mansões, que reforça a segregação, mas com um véu de funcionalidade e formalismo. A cidade contemporânea passa a se definir enquanto *"espaço/tempo de reprodução de modelos ( produção seriada), de operações funcionais, signos, mensagens, objetos, equações racionais, enfim de simulacros industriais, cuja ordem é a tecnologia industrial, cujo referencial é o próprio discurso tecnocientífico e cujo " valor de verdade" é a eficácia, o bom desempenho"*(109). Além disso o urbanismo atual procura programar uma cotidianeidade geradora de satisfações, onde satisfações sempre se relacionam com consumo e lazer, contrapondo-se sempre ao trabalho. Com isso de certa maneira se produz o "sonho" da compensação, e ao mesmo tempo da imobilidade do trabalho. Este é aceito como chato, rotineiro, cansativo, mas necessário para se alcançar o "sonho" do "morar" e do consumir.

Deste modo reduz-se " o trabalho humano ao conceito universal abstrato de tempo, trabalho médio que se

109) O. Matos. Os arcanos...op.cit. pg. 315.

*apresenta ao princípio de identificação através da troca, entidades singulares e prestações não idêntico tornam-se comensuráveis. A difusão deste princípio transforma o mundo todo em idêntico, em totalidade"*(110).

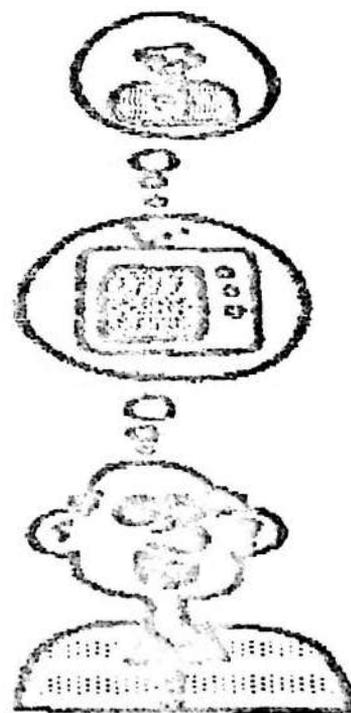
Nesse embate entre a tendência a homogeneização da vida das pessoas no mundo e os destaques dados as particularidades é que as pessoas não só vivem como continuam a construir a sociedade, tanto materialmente como socialmente, conscientemente ou não. É assim que a cidade se revela por sua produção e da distribuição de bens e como o centro privilegiado das lutas, que tendem a ser incorporadas ou transformadas em lutas pelo consumo.

Deste modo é que a tv pode contribuir para o desenvolvimento da humanidade do homem. Ora dissipando a consciência do urbano. Ora avivando-a. Terminei com a exclamação de um aluno, do Campo Limpo, Zonal Sul de São Paulo, que nunca havia saído de seu bairro e que ao chegar ao centro velho de São Paulo e ver a monumentalidade da cidade exclama: "Estamos em Nova York!" Pelo menos da Nova York que passa nos filmes da seção da tarde.

outubro de 1992

110) T. Adorno. *Televisão...* op. cit. pg. 354.

## IV - Bibliografia



IV. BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Maurício de. *O Estudo Geográfico da cidade no Brasil, Evolução e Avaliação*, Rio de Janeiro, mimeografado, 1989.
- ANDRADE, Manuel C. de.(org.). *Élisée Reclus*, São Paulo, Ed. Ática, 1985.
- BAUDRILLARD, Jean. *A sombra das maiorias silenciosas*, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas , vol.1*, São Paulo, Editora Brasiliense,1985.
- Obras Escolhidas, vol. II*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.
- O Narrador* , in *Os Pensadores*, São Paulo, Ed. Abril, 1975.
- BERGER, John. *Modos de Ver*. Lisboa, Ed. 70, 1972.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*, São Paulo, , Cia das Letras, 1984.
- BOSI, Alfredo. *Imagem*, in *Revista Discurso*, n. 5, São Paulo, F.F.L.C.H., 1973.
- BOSI, Eclea. *Cultura de Massa e Cultura Popular*, Petropolis, Ed. Vozes, 1981.
- BRUNHES, Jean. *La Geographie Humaine*, Paris, Ed. Abrégée, 1956.

- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*, São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- *Seis propostas para o próximo milênio*, São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- CANCLINI, Nestor G. *As culturas populares no capitalismo*, São Paulo Brasiliense, 1983.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*, São Paulo, Duas Cidades, 1971.
- CANEVACCI, Massimo, *Antropologia da Comunicação Visual*, São Paulo, Brasiliense, 1991.
- CARLOS, Ana F. A. *A cidade e a organização do espaço in Revista do Departamento de Geografia 1*, São Paulo, F.F.L.C.H., 1981.
- *A (re)produção do espaço urbano, o caso de Cotia*, São Paulo, F.F.L.C.H., 1987. (tese de Doutorado).
- *A Cidade*, São Paulo, Contexto, 1992.
- CECON, Claudius e outros, *A vida na escola e a escola da vida*, São Paulo, Vozes, 1984.
- COHN, Gabriel. (org). *Comunicação e indústria cultural*, São Paulo, Cia Nacional, 1971.
- CORRÊA, Roberto L. *Região e Organização Espacial*, São Paulo, Ed. Ática, 1987.
- DONNE, Marcella D. *Teorias sobre a cidade*, Lisboa, Ed. 70, 1979.
- DOSSIE CIDADES, *Revista USP 5*, São Paulo, Coordenadoria de Comunicação Social- USP, 1991.

- DOSSIE EUROPA CENTRAL. *Revista USP 6*, São Paulo, Coordenadoria de Comunicação Social-USP, 1991.
- ECO, Umberto. *Viagem na Irrealidade Cotidiana*, Rio de Janeiro, E. Nova Fronteira, 1984.
- *Apocalípticos e Integrados*, São Paulo, Perspectiva, 1984.
- EMPLASA, *Sumário de Dados da Grande São Paulo*, 1990.
- EXAME, São Paulo, janeiro 91.
- Folha de São Paulo, caderno televisão, domingos, ano 1990/1991.
- FORACHI, M. e MARTINS, J.S. *Sociologia e Sociedade*, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e científicos, 1977.
- FREUD, S. O.....Futuro de.....uma.....ilusão in *Os Pensadores*, São Paulo, Abril ed., 1978.
- GEORGE, Pierre. *A Geografia Ativa*, São Paulo, Dif. Européia do Livro, 1968.
- GIANNINI, Silvio. *Ligações.....Milionárias*, in *Veja* , São Paulo, Ed. Abril, 5jun1991.
- GRANOU, Andre. *Capitalismo e modo de vida* . Porto, Afrontamento, 1975.
- HARTSHORNE, Richard. *Propósitos e Natureza da Geografia*, São Paulo, Ed. Hucitec, 1978.
- HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. *A dialética do Esclarecimento*, Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 1985.
- KOTHE, Flácio(org.). *Walter Benjamin*, São Paulo, Ed. Ática, 1991.

- KOWARIK, Lúcio. *Movimentos urbanos no Brasil* in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 3, vol. 1, São Paulo, fev. 1987.
- LANNOU, M. de. *La Geographie Humaine*, Paris, Ed. Flammarion, 1949.
- LASCH, Christopher. *A Cultura do Narcisismo*. Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- *O Mínimo Eu*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987.
- LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*, São Paulo, Editora Documentos, 1969.
- *Lógica Formal, Lógica Dialética*, São Paulo, Ed. Civilização Brasileira, 1975.
- *La vida cotidiana en el mundo moderno*, Madrid, Alianza Editorial, 1984.
- *La production de l'espace*, Paris, Ed. Anthropos, 1986.
- *Marx*, Madrid, Ed. Guadarama, 1974.
- *Introdução a Modernidade*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1969.
- *Hegel, Marx, Nietzsche*. Mexico, Siglo Vientiuno editores, 1988.
- LEVI-STRAUSS, C. *Tristes Trópicos*, Lisboa, Ed. 70, 1981.
- MAGNANI, J. C. C. *Festa no pedaço*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984.

- MATOS, Olgária C.F. *A cidade e o tempo: algumas reflexões sobre a função social das lembranças* in Espaço e Debates 7, São Paulo, NERU, 1982.
- *Os Arcanos do inteiramente outro*, São Paulo, FFLCH, tese doutorado, 1986.
- MATTELART, A e M. *O carnaval das imagens*, São Paulo, Brasiliense, 1989.
- MARCONDES, Ciro. *Televisão, a vida pelo video*, São Paulo, Ed. Moderna, 1988.
- MARX, K. *Contribuição para a Crítica da Economia Política*, Lisboa, Ed. Estampa, 1977.
- MARX, K e ENGELS, F. *A ideologia alemã*, São Paulo, Ed. Grijalbo, 1973.
- *Manuscritos Economicos-Filosoficos de 1844*, Bogota, Ed. Pluma, 1980.
- MEGALE, J. F) (Org.). *Max. Sorre*, São Paulo, Ed. Ática, 1984.
- MERLEAU-PONTY, M. *O Olho e o Espírito*, in Os Pensadores, São Paulo, Ed. Abril, 1984.
- MOMBEIG, Pierre. *Novos Estudos da Geografia Humana Brasileira*, São Paulo, L. Martins, 1940.
- MORAES, A. C. R. (org.). *Ratzel*, São Paulo, Ed. Ática, 1990.
- *Geografia, Pequena História Crítica*, São Paulo, Ed. Hucitec, 1986.
- MUMFORD, Lewis, *Arte y Técnica*, Buenos Aires, Ed. Nueva Vision, 1957.

- NOVAIS, Adauto (org.) *O Olhar*, São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- *Rede Imaginária*, São Paulo, Cia das Letras, 1991.
- PRADO JUNIOR, Caio. *Teoria marxista do conhecimento e Método dialético materialista*, in *Revista Discurso*, n. 4, São Paulo, F.F.L.C.H., 1973.
- PENTEADO, A.R. *A área suburbana de São Paulo e sua caracterização* in *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, Vol XII, São Paulo, 1960.
- PETRONE, P. *Notas sobre o fenômeno urbano no Brasil*, in, *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, Vol XII, São Paulo, 1960.
- *As indústrias paulistanas e os fatores de sua expansão* in *Boletim Paulista de Geografia*, nº 14, São Paulo, 1953.
- PIRANDELLO, Luigi. *Cadernos de Serafino Gulbio operador*, Rio de Janeiro, Vozes, 1990.
- RATZEL, F. *O solo, a sociedade e o Estado* in *Boletim do Departamento de Geografia*, n. 2, São Paulo, F.F.L.C.H., 1983.
- SANTOS, Carlos Nelson et alli. *Quando a rua vira casa*. Rio de Janeiro, Ibam/Finep, Ed. Projeto, 1985.
- SANTOS, Milton. *Metrópole Corporativa fragmentada- o caso de São Paulo*, São Paulo, Nobel, 1990.
- *Por uma Geografia Nova*, São Paulo, Ed. Hucitec, 1986.

- SARTRE, J.P. *Questão do método*, São Paulo, Difel, 1972.  
 ----- . *A Imaginação*, São Paulo, Difel, 1980.
- SEABRA, O.C.L. *Pensando o processo de valorização e a geografia* in *Boletim Paulista de Geografia*, SP, AGB, 1988.  
 ----- . *Os meandros dos rios nos meandros do poder*, São Paulo, F.F.L.C.H., 1987, tese de doutorado.
- SILVA, Armando C. da. *De quem é o pedaço?* São Paulo, Hucitec, 1986.  
 ----- . *O espaço fora do lugar*, São Paulo, Ed. Hucitec, 1988.  
 ----- . *Geografia e lugar social*, São Paulo, Ed. Contexto, 1991.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Muito além do Jardim Botânico*, São Paulo, Summus Editorial, 1985.
- SOARES, M.T.S. *Divisões principais e limites externos no Grande Rio de Janeiro* in *Anais da AGB*, vol XII, São Paulo, 1960.
- SODRÉ, Muniz. *A Máquina de Narciso*. São Paulo, Ed. Cortez, 1990.
- TOPALOV, Christian. *Fazer a História da Pesquisa Urbana: a experiência francesa desde 1965* in *Espaço e Debates*, 23 São Paulo, 1988.
- VELHO, Otávio (org.) *O Fenômeno Urbano*, Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1987.
- VEJA SP, São Paulo, Ed. Abril, 13 de fevereiro de 1991.
- VIDAL de la BLACHE, P. *Principes de Geographie Humaine*, Paris, L. Armand Colin, 1922.

A digitalização deste documento foi possível graças ao investimento do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana (PPGH-FFLCH-USP) e realizada com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Essa ação integra as atividades de comemoração dos 50 anos do PPGH no ano de 2021. Para mais informações sobre o PPGH e sua história, visite a página do programa: <http://ppgh.ffeilch.usp.br/>.



1971-2021